

UNIVERSIDADE TIRADENTES

LUANA ALVES ROCHA
SASKYA MARTINS ALVES
YASMIM RODRIGUES DOS SANTOS MELO

A INFORMALIDADE DO TRABALHO NO SÉCULO XXI:
UM OLHAR SOBRE OS FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE
CEDRO DE SÃO JOÃO - SE

Propriá
2013

LUANA ALVES ROCHA
SASKYA MARTINS ALVES
YASMIM RODRIGUES DOS SANTOS MELO

A INFORMALIDADE DO TRABALHO NO SÉCULO XXI:
UM OLHAR SOBRE OS FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE
CEDRO DE SÃO JOÃO - SE

Monografia apresentada à Universidade
Tiradentes como um dos pré- requisitos
para a obtenção do grau em bacharel em
Serviço Social.

Orientadora: Prof^ª. Clara Angélica de
Almeida Santos Bezerra.

Propriá
2013

LUANA ALVES ROCHA
SASKYA MARTINS ALVES
YASMIM RODRIGUES DOS SANTOS MELO

A INFORMALIDADE DO TRABALHO NO SÉCULO XXI: UM OLHAR
SOBRE OS FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE CEDRO DE SÃO JOÃO - SE

Monografia, apresentada ao curso
de Serviço Social da Universidade
Tiradentes – UNIT, como requisito
parcial para a obtenção do grau de
bacharel em Serviço Social.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Nome do orientador (a)

Instituição

Nome do professor (a)

Instituição

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus pelo dom da vida e sabedoria e aos nossos familiares pela confiança que nos foi depositada e por acreditar em nosso potencial.

AGRADECIMENTOS

Enfim missão cumprida, monografia concluída. Sou muito grata, primeiramente a Deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, por cuidar de mim, por me dar forças e coragem, por tudo que sou e consegui até hoje, por sempre está ao meu lado e por me mostrar que tudo posso naquele que me fortalece, sem Ele nada sou.

Sou extremamente grata aos meus preciosos pais e razão do meu viver Neuza e Messias, meus maiores exemplos. Obrigada por revestirem minha existência de amor, carinho, dedicação e cuidado, por me incentivarem a não desistir dos meus sonhos, por estarem ao meu lado em todos os momentos e por tudo que fizeram por mim até hoje.

Agradeço a minha vovó Florzinha pelo apoio, amor, carinho, incentivo, preocupação, conselhos e demonstração de cuidado. Obrigada pelo suporte afetivo que sempre me proporcionou e por nunca deixar de estar presente. Te amo muito!!!

Sou grata aos meus familiares e amigos pela confiança e energia positiva. Agradeço a minha orientadora Clara Angélica, por todo conhecimento que me passou e por acreditar em minha capacidade. Aos meus colegas de curso pelos momentos de descontração, e por tornarem momentos vivenciados na graduação tão especiais e inesquecíveis. As minhas amigas e parceiras Saskya e Yasmim, obrigada pelo esforço e colaboração de vocês durante a elaboração desta monografia.

Agradeço em especial a minha pessoa, pelo esforço feito pra que esta monografia fosse concluída. Por fim, obrigada a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desta conquista.

Luana Alves Rocha

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente ao Criador do Universo, por ter me dado à vida, e com muita saúde poder sentir a plenitude de tudo que Ele criou. Obrigada Senhor por que posso contemplar a bela natureza, ouvir o som dos pássaros, sentir o perfume suave das flores, saborear as frutas, e por poder tocar as pessoas especiais que me rodeiam, escolhida por Ti, para fazer de mim essa pessoa meiga.

Não tenho palavras para agradecer aos meus pais: Edvaldo e Marineide por serem professores fascinantes na escola da vida. Ensinou-me a usar as armadilhas durante esta batalha acadêmica, mostrando que sou capaz e que mesmo diante do cansaço se faz relevante acreditar no meu potencial, e não desistir perante os obstáculos. **VOCÊS SÃO A RAZÃO DO MEU VIVER!**

Agradeço de forma mais que especial a meu esposo Edson, por ter sido este grande homem, me entusiasmando não somente a sonhar, mas fazer deste uma realidade. Com muito carinho me compreendeu quando estava ausente, esteve paciente quando eu estava angustiada, depositou em mim otimismo e confiança em todos os momentos. Você é muito mais do que esperei, **TE AMO MUITO, MUITO!**

Jamais poderei esquecer de agradecer a meu irmão: Lêyvson, por ter me estimulado a buscar conhecimento, pois se não tivesse insistido tanto, talvez eu nunca teria tentado. Obrigada maninho!

Agradeço também a minha irmã: Sâmara pelos elogios constantes diante os estudos, o que me fez se sentir uma guerreira. E ainda a minha princesa Letycia (sobrinha), por me ter como espelho, imitando quando estava estudando e até mesmo pelos desenhos que construímos juntas. Sou muito feliz por ser tia dessa pequena caixinha de inteligência.

Com muito carinho agradeço a toda minha turma, por todos os momentos de descontração, e até mesmo nas horas, mais angustiantes, mostrando que o carinho adquirido durante esses quatro anos supera as nossas diferenças.

Agradeço de maneira especial as minhas amigas: Yasmim e Luana pelos momentos vivenciados durante a elaboração da monografia, e que mesmo diante do stress pela correria

acadêmica, mostraram que a amizade é inabalável, que tudo passa, porém, esta permanece como pilares firmes e fortes.

Sou grata a todos que compõe a Universidade Tiradentes, e principalmente a orientadora da monografia Clara Angélica Bezerra, por nos ter passado seu conhecimento e por nos ter estimulado a continuar nesta jornada.

Sem meu esforço perante as dificuldades não haveria conquistado mais uma vitória, por isso agradeço também a minha pessoa.

Saskya Martins Alves

AGRADECIMENTOS

Graças a Deus, monografia concluída! Agradeço a conclusão deste trabalho, primeiramente a Deus pelo dom da vida e Seu infinito Amor, amor este incondicional, onde entregou seu filho unigênito para se entregar por mim. Pelo ar que respiro, pela fortaleza renovada a cada amanhecer, pela força adquirida em meio aos obstáculos, pela família que me deste, enfim, por tudo que tenho e que sou. Obrigado meu Senhor, Te Amo Papai do Céu!

Sou eternamente grata, aquela que proporcionou os momentos mais felizes da minha vida, a pessoa que mais amo nesse mundo, professora, conselheira, amiga, guerreira, minha doce e amável vó-mãe: Iraci , também agradeço ao meu avô Pedro, pela credibilidade, carinho, e amor de filha. Obrigado por me acolherem, vocês são meus protetores aqui na terra, e a base do meu sucesso, AMO VOCÊS!

Ao meu esposo e companheiro Valdson, pelo Amor, carinho, companherismo, compreensão e dedicação para comigo, OBRIGADO por me encorajar a seguir em frente e alcançar mais um objetivo. Obrigado por tudo, você é muito especial! Te Amo meu amor!

Vale ressaltar a importância de todos os meus familiares, pais: Rosiclei e Elenizio, estes que me trouxeram ao mundo, aos meus irmãos: Yzaú e Antony, por me admirarem e viram em mim um exemplo a ser seguido, aos meus avós e avôs, tios e tias, em especial meu tio João Batista (in memória), como esquecer das inúmeras vezes em que costumava chamar todos os seus sobrinhos de doutores? É tio, o senhor se foi e seus sobrinhos estão alcançando seus objetivos e brilhando aqui na terra. Tio Tista, amor eterno, saudades... Agradeço também aos meus primos e primas. Família vocês são a base do meu sucesso, a vocês, o meu muito OBRIGADO, Amo vocês. Agradeço a Deus pela família maravilhosa e especial que me deste. Obrigado Senhor!

Jamais esquecerei do apoio e do carinho que obtive das famílias Melo e Oliveira, famílias estas que construí ao me casar com meu amor Valdson, a vocês o meu muito Obrigado!

As minhas amigas, guerreiras e companheiras de TCC: Saskya e Luana, pelo companherismo e dedicação para com este trabalho, com o objetivo que o mesmo se realizasse de maneira satisfatória. Jamais esquecerei dos momentos em que necessitei me ausentar

para resolver problemas de saúde e que vocês me compreenderam, a vocês o meu muito obrigado, pela amizade e pela cumplicidade.

A amiga e orientadora de TCC, Clara Angélica, esta que sempre esteve à disposição ao longo da realização do presente trabalho, vale ressaltar que esta querida professora tem um lugar especial em meu coração, pois a partir de sua contribuição tanto nas orientações do TCC, quando em sala de aula, e a dos demais professores, me considero apta a enfrentar esse mercado de trabalho competitivo e alcançar o êxito.

Enfim, a todos os profissionais da Universidade Tiradentes, em especial ao corpo docente, que possibilitou um extenso conhecimento e uma visão crítica frente a sociedade em que estou inserida. A todos obrigado!

A todos que contribuíram direto e indiretamente para que hoje eu esteja concluindo este trabalho, desejo que o Senhor Jesus Cristo, lhes abençoe, lhes guarde e lhes proteja de todo mal, pois só Ele é capaz de recompensar o que fizestes por mim!

Yasmim Rodrigues dos Santos Melo

“Apesar de nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.”

Augusto Cury

RESUMO

O presente trabalho, o qual possui como tema: A informalidade do trabalho no século XXI: um olhar sobre os feirantes do município de Cedro de São João- Se apresenta o debate sobre a trajetória sócio histórica da informalidade do trabalho no século XXI, na sociabilidade capitalista, tendo como sujeito da pesquisa os feirantes do município de Cedro de São João - Se, onde encontra - se um grande número de pessoas de faixa etária diversificada, que se insere no trabalho informal (feira livre), onde é visível a precariedade no trabalho exercido por estes, sendo um trabalho árduo, onde esses feirantes não desfrutam de direitos trabalhistas.

Palavras Chaves: capitalismo. trabalho. informalidade. feirantes.

ABSTRACT

This study which, has as its theme: The informality of work in the twenty-first century: a look at the vendors in the municipality of Cedar St. John himself presents the debate about the historical trajectory of social labor informality in the XXI century, the capitalist sociability having as a subject of research the vendors of the municipality of Cedar St. John - If where you will find - if a large number of people from diverse age group, which is part of informal work (flea market), where it is visible to job insecurity exercised by them, with hard work, where these merchants do not enjoy labor rights.

Key Words: capitalism. labor. informality. fairground.

LISTA DE SIGLAS

ADL- Agente de Desenvolvimento Local.

CLT- Consolidação das Leis Trabalhistas.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INSS- Instituto Nacional do Seguro Social.

ME- Micro Empresário.

OIT- Organização Internacional do Trabalho.

PIB- Produto Interno Bruto.

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I:	18
2 O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA	18
2.1 A TRAJETÓRIA SÓCIO – HISTÓRICA DO TRABALHO NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX	22
2.2 OS MODOS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO CAPITALISTA	26
CAPÍTULO II:	34
3A INFORMALIDADE NO SÉCULO XXI	34
3.1 MODALIDADES DE TRABALHADORES INFORMAIS.....	37
3.2 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO	41

CAPÍTULO III:47

4.HISTÓRIA DO MUNICÍPIO48

4.1 A INFORMALIDADE DO TRABALHO DOS FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE
CEDRO DE SÃO JOÃO - SE50

4.2 DESAFIOS E CONQUISTAS DOS FEIRANTES54

4CONSIDERAÇÕES FINAIS.....57

REFERÊNCIAS59

APÊNDICES

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Com o surgimento do sistema capitalista e neoliberal, juntamente com o processo de industrialização, as formas de trabalho tornaram-se escassas e/ou precárias, onde trabalhadores se submetem a exercer sua força de trabalho, na maioria das vezes, de forma exploratória e subordinada, pois os empregadores da contemporaneidade seguem as condicionalidades do sistema: capitalista e neoliberal, estes que possuem como princípio norteador, o máximo para o capital e o mínimo para as políticas públicas.

Desde a eclosão do processo de industrialização até os dias atuais, a mão- de- obra humana, esta sendo substituída pelo maquinário, havendo assim a substituição do trabalho braçal para o manual e intelectual. Sendo assim quem não possui um bom nível de escolaridade, acaba sendo excluído dos trabalhos formais, pois em um mundo competitivo, as instituições buscam por profissionais capacitados e qualificados.

Desta maneira grande parte da população sofre com uma das expressões da questão social: o desemprego, diante disso, esta população acaba optando pelo trabalho informal e se submetendo a precarização do trabalho e aos novos meios de produção. Sendo assim, optamos estudar sobre: A Informalidade do Trabalho no Século XXI: um olhar sobre os feirantes do Município de Cedro de São João- Se.

O objetivo geral da pesquisa é conhecer a informalidade do trabalho no século XXI: Um olhar sobre os feirantes do Município de Cedro de São João – SE e o que diz respeito aos objetivos específico, estes estão voltados para compreensão das características do trabalho informal, identificação do perfil desses feirantes, análise das dificuldades encontradas pelos feirantes ao exercer suas atividades.

A escolha do tema justifica – se devido a visibilidade de uma elevada quantidade de indivíduos de faixa etária diversificada, que se inserem no trabalho informal (feira livre) do presente município, onde é notório a precariedade no trabalho. Com o desenvolvimento do trabalho, há várias questões a serem analisadas, são elas: Esses feirantes usufruem algum direito trabalhista? Qual o perfil desses feirantes? Quais as características que identificam esses feirantes como trabalhadores informais?

Vale ressaltar, que o presente trabalho, torna-se relevante para a sociedade, pois o mesmo aborda sobre importantes conteúdos e esclarece aspectos da informalidade do

trabalho. Também é de grande relevância para o meio acadêmico, pois promove aos discentes pesquisadores aquisição de conhecimento, proporcionando um melhor esclarecimento e compreensão a cerca do assunto estudado.

Metodologicamente, este trabalho adotou o tipo de abordagem qualitativa, pois a mesma colhe todas as informações necessárias de maneira ampla. Esta abordagem por sua vez, permitiu um olhar não apenas explícito (o que esta amostra), mas também implícito (o que está oculto), permitindo interpretações acerca do tema.

Sendo assim optou-se pela pesquisa bibliográfica, pois esta se faz necessária, para um aprofundamento de conhecimentos embasados em autores. Deste modo para este embasamento científico, foi utilizado o acesso a: livros, artigos, internet, entre outros, onde houve um ponto de partida para então utilizar a pesquisa de campo, proporcionando a relação entre teoria e prática.

Com a pesquisa de campo, foi possível conhecer a realidade tal como ela é sem camuflagem. Através do estudo de caso, estudamos sobre os feirantes informais para que pudesse apresentar as condições vivenciadas por estes e descrever a situação do contexto em que estão inseridos.

O método escolhido para a elaboração deste trabalho foi o dialético, pois a partir deste, foi possível apreender a realidade trabalhada e estudada a partir de fundamentações teóricas, ou seja, não apenas descrever os fatos, mas compreender e analisar, considerando os aspectos estruturais e semi- estruturais que compõe e identificam tal realidade, sendo capaz de atribuir uma análise crítica do contexto atual.

Para a obtenção da coleta de dados foi utilizada a entrevista semi - estruturada e a observação participante. A entrevista semi - estruturada sucede a partir de um diálogo entre o entrevistador e entrevistado, com a possibilidade de complementar, retirar ou mudar algo caso necessário, acrescentando perguntas que estão fora do roteiro de entrevista, mas que a partir da fala, comportamento ou uma visibilidade mediante situações expostas no decorrer da entrevista, se faz necessário o acréscimo de novas indagações.

Este trabalho teve como universo, os feirantes do município de Cedro de São João - SE, entretanto no que diz respeito à amostra, foram considerados apenas os feirantes que possuem um maior tempo de atuação na feira livre do município acima citado. As categorias de análise são: trabalho. trabalho informal. feirantes.

A amostra da pesquisa foi composta por seis feirantes da feira do município de Cedro de São João - Se. Este ínfimo número de participante da amostra foi devido à recusa do sujeito da pesquisa, uma vez que ficaram receosos quando abordados pelos pesquisadores. Uma das hipóteses levantadas pelos pesquisadores é o fato do desconhecimento da importância da pesquisa, uma vez que a mesma possibilitaria conhecimento a cerca dos seus direitos, enquanto trabalhadores do setor informal, outra hipótese desenvolvida durante a coleta de dados foi à relação de coerção e fiscalização sofrida pelos feirantes por parte do governo municipal, esta última hipótese pode ter conduzido o repúdio dos feirantes em serem entrevistados.

Para a análise dos dados coletados, optamos pela a análise da fala, pois foi por meio da entrevista realizada e das respostas cedidas pelos feirantes que foi possível conhecer, compreender e analisar a realidade dos sujeitos.

O presente trabalho é composto por três capítulos, o primeiro capítulo irá contextualizar sobre o trabalho na sociedade capitalista, sua trajetória sócio - histórica desde a virada do século XIX para o século XX e os modos de produção que regem o trabalho capitalista. Em relação ao segundo capítulo, o mesmo abordará a informalidade do trabalho no século XXI, as modalidades de trabalhadores informais existentes na contemporaneidade e a precarização do trabalho de forma geral.

No terceiro capítulo os temas de estudo serão a informalidade do trabalho dos feirantes do município de Cedro de São João – Se, onde irá apresentar um breve relato da história do município descrito acima e por último haverá uma abordagem relacionada ao que esses feirantes conquistaram ao longo do tempo em que se encontram inseridos na feira livre e os desafios encontrados por estes na execução do seu trabalho, o qual faz parte da informalidade.

CAPITULO I

2. O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA.

Desde os tempos remotos, o ser humano possui uma ligação direta com a natureza, “antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (Karl Marx, 2010, p. 211). Diante disso, percebe-se que o homem transforma a natureza em produtos que possam atender suas necessidades básicas, é através dessa atividade de transformação da natureza, que denominamos trabalho.

Segundo Netto e Braz (2007), os grupos primatas eram grupo de pessoas que viviam coletivamente, estes por sua vez, transformavam a natureza, única e exclusivamente para atender suas necessidades básicas, especificamente no que se refere ao modo de sobrevivência, seja para saciar a fome, ou para se vestir.

Desta maneira, as atividades eram realizadas coletivamente e definidos por gênero, ou seja, os homens tinham a função de caçar e pescar, e as mulheres tinham a função de colher, preparar os alimentos e produzir as vestimentas.

Segundo Paulo Netto e Marcelo Braz (2007, p. 56):

Nesse “comunismo primitivo”, em que imperavam a igualdade resultante da carência generalizada e a distribuição praticamente equitativa do pouco que se produzia, a diferenciação social era mínima: não mais que uma repartição de atividade entre homens (caçadores) e mulheres (que coletavam e preparavam os alimentos).

Como os autores afirmam, na comunidade primitiva havia união entre os membros, pois o que se obtinha, era repartido de maneira igualitária entre ambos. Porém com o passar dos anos, homens e mulheres, começaram a perceber suas habilidades, e assim puseram em prática, tais como: confecção de instrumentos, canoas, artesanato, etc. “Numa palavra, estava surgindo o excedente econômico: a comunidade começava a produzir mais do que carecia para cobrir suas necessidades imediatas.”(NETTO e BRAZ, 2007, p.57).

Sendo assim, os indivíduos passaram a se aperfeiçoar cada vez mais em suas produções, e perceberam que podiam transformar a natureza não só apenas para atender suas necessidades básicas, mas também, obter uma atividade econômica, surgindo assim o excedente econômico.

Mediante a citação acima descrita, observa-se que o excedente econômico, nada mais é que, a transição de uma atividade exclusivamente de sobrevivência, para uma atividade econômica, é a partir do excedente econômico, ou seja, o momento em que o ser humano deixa de transformar a natureza para produzir valores de uso, e passa a produzir valores de troca e/ou de mercadorias.

O trabalho, através do qual o sujeito transforma a natureza (e, na medida em que é uma transformação que se realiza materialmente, trata-se de uma transformação prática), transforma também o seu sujeito: foi através do trabalho que, de grupos primatas, surgiram os primeiros grupos humanos numa espécie de salto que fez emergir um novo tipo de ser, distinto do ser natural (orgânico e inorgânico): o ser social. (NETTO e BRAZ, 2007, p.34).

Sendo o trabalho uma atividade econômica, o mesmo é um meio de socializar os indivíduos, pois é a partir da realização do trabalho, que há interação entre os seres humanos, transformado-se assim, em um ser social, ou seja, é a partir do trabalho que se dá o processo de socialização entre os indivíduos.

Vale ressaltar que o que difere o ser animal do ser humano em seu processo de trabalho, é que, o ser humano é o único ser que age com intencionalidade, ou seja, o indivíduo é um ser pensante, pois ele projeta antes, para depois pôr em prática o que foi projetado, e o mesmo ao transformar a natureza, este também transforma a si mesmo.

Para Marx, “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho”, ou seja, “o trabalho é a capacidade da produção, só com a troca, adquirem os produtos de trabalho, como valores [...]” (Marx, 2010, p. 211). Ao analisar esta afirmação de Marx, entende-se que o trabalho é valor de troca, pois a partir do momento em que o homem vende sua força de trabalho, há uma troca, onde o trabalhador troca sua força de trabalho pelo valor monetário.

Diante das afirmações de Karl Marx, em o Capital (2010, p. 219) quando ele diz que: “o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho”, e além disso, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador”, verifica-se que nas relações capitalistas, o empregador dispõe os meios de produção (instrumentais), para que o trabalhador as utilize para produzir seus produtos, sendo assim, o produto pertence aos empregadores (capitalistas), e ao trabalhador pertence apenas, sua mão de obra.

Os donos do capital deveriam ressarcir aos seus trabalhadores com o valor equivalente à produção, mas na busca incansável pelo valor monetário, a mão de obra é explorada por seus empregadores cujos salários pagos são inferiores ao trabalho produzido, ou seja, o capitalista explora a força do trabalho para produzir riqueza própria, ocasionando desta forma, o empobrecimento da classe explorada.

É relevante lembrar, que a alienação faz parte das relações capitalistas, pois a exploração é característica desse sistema. Segundo Netto e Braz,

Basicamente, a alienação é própria de sociedade onde tem vigência divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção fundamentais, sociedades nas quais o produto da atividade do trabalhador não lhe pertence, nas quais o trabalhador é expropriado- quer dizer, sociedades nas quais existem formas determinadas de exploração do homem pelo homem. (NETTO e BRAZ, 2007, p.45).

Mediante a afirmação de Netto e Braz acima citada, a alienação tem seu início na divisão social do trabalho, quando o trabalhador em sua ocupação profissional cotidiana perde a noção do todo. Antes, ele era ciente de toda a execução de sua mão de obra durante todo o processo até obter o resultado final, com a divisão social do trabalho, os operários em seus trabalhos repetitivos se alienam e o pagamento do que produzem não compra sequer seu próprio trabalho.

Percebe-se, que alienação ao trabalho, dá-se a partir do momento em que a criação, ou seja, o trabalho passa a dominar o criador, que neste caso é o próprio trabalhador, este que de certa forma, não consegue mais ter o domínio sobre si mesmo.

Na sociedade capitalista são gerados os inúmeros processos de alienação, o ser social aliena-se do seu trabalho e do produto do seu trabalho, sendo assim, as relações sociais na sociedade capitalista, tornam-se alienantes.

De acordo com a filosofia Marxista, o trabalho na sociedade capitalista tornou-se alienante devido o desgaste físico durante sua produção, o trabalhador ficava impossibilitado de pensar, em virtude da quantidade de energia física consumida por sua atividade.

2.1 A TRAJETÓRIA SÓCIO- HISTÓRICA DO TRABALHO NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX.

Desde os primórdios o trabalho se faz presente na vida do ser vivo (seja ele racional ou irracional), pois os animais irracionais, mesmo inconscientemente trabalham para sobreviver, sendo este um trabalho rotineiro, sem modificações ao longo do tempo. Enquanto o homem, diferente do ser irracional está em constante mudança.

O homem por muitas décadas desempenhou seu trabalho manufatureiro, pois o mesmo passa a modificar a matéria- prima em produtos para comercialização. Segundo Netto e Braz: “no interior das comunidades, as tarefas agrícolas (o pastoreio, o cultivo) diferenciaram-se daqueles que instauraram o artesanato (a fabricação de utensílios de cerâmicas e de metal, rodas, e vínculos rudimentares e dos primeiros tecidos).” (NETTO e BRAZ, 2011, p. 66- 67).

Mas faz mister lembrar que o homem, com o passar do tempo, foi perdendo cada vez mais o seu contato “direto” com a natureza. Se outrora o trabalhador retirava a madeira e fazia sua cadeira, posteriormente já não fazia este processo individualmente, ou seja, o mesmo que retirava a madeira, já não era o que iria fazer a cadeira, e assim sucessivamente.

Em *O Capital* Marx enfatiza que:

A manufatura, portanto, se origina e se forma a partir do artesanato de duas maneiras. De um lado, surge da combinação de ofícios independentes diversos que perdem sua independência e se tornam tão especializados que passam a construir apenas operações parciais do processo de produção de uma única mercadoria. De outro, tem sua origem na cooperação de artífices de determinado ofício, decompondo o ofício em suas diferentes operações particulares, isolando- as e individualizando- as para tornar cada uma delas função exclusiva de um trabalhador especial (MARX, 2010, p. 393).

O processo manufatureiro, entretanto foi relevante para revolucionar o modo de produção, pois foi através do mesmo que viu-se a necessidade de produzir mais em menos tempo, surgindo então às máquinas, e com ela a chamada Revolução Industrial no século XVIII. Com a chegada da Revolução Industrial pode- se observar o quanto o individuo acelera a produtividade a cada dia, esta que por sua vez passou por três etapas de desenvolvimento tecnológico como esclarece Albornoz (2008, p. 22):

- O primeiro, da invenção da máquina a vapor, é a revolução tecnológica do século XVIII.
- O segundo estágio do desenvolvimento da tecnologia moderna, no século XIX, se caracteriza pelo uso da eletricidade, que ainda continua a determinar a fase atual do reino do artifício humano.
- A automação representa o estágio mais recente da evolução tecnologia: a invenção do computador, a revolução industrial do século XX, ou a *terceira onda* da Revolução Industrial.

Segundo Schmidt (2005) a Revolução Industrial ocorrida no século XVIII se deu especialmente na Inglaterra, a qual utilizava as máquinas a vapor nas minas de carvão e nas indústrias de têxtil. “A Inglaterra tinha notáveis jazidas de ferro e carvão. Os tecidos eram feitos com fios traçados de linho inglês e de algodão, que precisava ser importado das Treze Colônias e, depois, dos Estados Unidos, da Índia e do Brasil.” (SCHMIDT, 2005, p.309).

Com isto, a mesma passou a ter lucratividade e aumento na produção, o que facilitou o deslocamento de familiares da zona rural para as grandes cidades. Com isto surge a exploração do trabalho pelo grande excesso de mão- de obra barata, crescendo assim o acúmulo de capital pelos burgueses.

No século XIX o avanço tecnológico ganhou grande proporção, alcançando outros países Europeus, neste período as máquinas passaram a produzir eletricidade, a facilitar a locomoção e a comunicação. É neste período que o capitalismo começa a levar os operários a trabalhar mais para conseqüentemente resultar em melhor lucratividade. Deste modo, nota-se que os capitalistas começam a inovar cada vez mais seus modos de produção, pensando na alta produtividade com poucos custos.

Com a virada do século XIX para o século XX se instaura o avanço das forças produtivas, no qual houve a possibilidade de melhores condições do trabalho tornando- se real, pois a facilidade da tecnologia começou a se expandir, e com isto, o capital passou a circular mais freqüentemente. No entanto, este avanço quando chega a América Latina surge de forma tardia, pois a Europa já se encontrava com grandes indústrias, então “as riquezas de nossos países foram continuamente exportadas para manter o desenvolvimento econômico e social dos países ricos- de solo mais pobre, mas que dominava as regras dos mercados mundiais.” (ALBORNOZ, p.29, 2008).

Mas vale ressaltar, que as grandes mudanças tecnológicas favorecem apenas aos capitalistas, pois este avanço infelizmente trouxe domínio sobre a classe operária. De acordo com Schmidt (2005) os trabalhadores viviam em péssimas condições de vida, recebiam baixos salários, e trabalhavam por mais de 12 horas diariamente, deste modo, o capitalismo trouxe destruição para maior parte dos indivíduos, pelo fato de alienar. Este processo de alienação se dá também para que as mercadorias não permaneçam em estoques e agilizar o controle para atender sua clientela, melhorando os custos da empresa, o que denomina –se de automação.

Para Netto e Braz, historicamente, foram necessários mais de dois séculos (de meados do século XVI ao século XIX) para que o capital conseguisse empalmar o controle do processo de trabalho; quando o conquistou, instaurou-se o que podemos designar propriamente como *produção capitalista*. (NETTO e BRAZ, 2011, p.121).

Os capitalistas, no entanto, buscam produzir de maneira eficaz para alcançar as “necessidades” do ser humano, para que isto ocorra passam a cobrar mais do trabalhador, fazendo com que o mesmo torne-se especialista de uma única tarefa, e assim começa a divisão do trabalho no interior das fábricas o qual esclareceremos no tópico posterior. Netto e Braz ao tratar de especialização elucidam que:

Essa divisão conduz à especialização das atividades e, ao mesmo tempo, à destruição dos saberes de ofício que permitiam ao trabalhador o conhecimento técnico do *conjunto* das operações necessárias à produção de certo bem: alocado a uma única e determinada tarefa, que repetirá ao longo de todas as jornadas de trabalho, o trabalhador será despojado dos seus conhecimentos e perderá o controle de suas tarefas (e, portanto, perderá muito do seu poder de barganha em face do capitalista). (NETTO e BRAZ, 2011, p.121- 122).

Com a especialização, os autores acima citados notam que o capitalismo além de especializar os trabalhadores, de certo modo, diferencia seus operários pela força produtiva. O que para eles “favorece” a mão de obra masculina, enquanto que nas atividades simples, “abre espaço para a exploração do trabalho feminino e infantil”, e ainda contribui para que muitos indivíduos permaneçam leigos diante do processo e então o capital mantenha total domínio sobre a classe operária.

Schmidt (2005) ressalta em meio a tanta exploração os operários ficaram revoltosos, pois notaram que as máquinas produziam mais e em menos tempo, com isto os mesmos

destruíram as máquinas em forma de protesto e de revolta por ser substituído por elas, este protesto ficou conhecido por *ludismo*, no qual muitos operários foram "presos e enforcados".

[...] Tais lutas, antagonizaram a burguesia e os trabalhadores (elementarmente, a burguesia e o proletariado) e que, a partir daí, estarão sempre presentes na ulterior evolução do capitalismo, adquirem inicialmente formas grosseiras, mas, pouco a pouco, avançam para uma crescente politização, que as torna mais conscientes- tal foi, na primeira metade do século XIX, o trânsito do ludismo ao cartismo [...]. (NETTO e BRAZ,2007, p.173).

Os operários perceberam que o problema não era fruto da máquina e sim dos capitalistas, com isto, deu-se origem aos primeiros sindicatos e conseqüentemente as primeiras greves, onde os trabalhadores contavam com a força da sua união para obtenção do resultado. “[...] somente as lutas organizadas dos trabalhadores, através dos seus sindicatos e partidos, tiveram certo êxito no sentido de obrigar os capitalistas a reconhecer algumas delas como legítimas.” (NETTO e BRAZ,2007, p.104).

Como resposta, os governantes proibiam os sindicalistas se manifestarem e entravam em confronto com os mesmos, pois a sociedade reivindicava por menor jornada de trabalho e por uma sociedade democrática.

2.2 OS MODOS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO CAPITALISTA.

A burguesia (empregadores) e os trabalhadores assalariados são as duas classes fundante no processo de riquezas na sociabilidade capitalista. De acordo com Pinto (2010) o século XX vivenciou uma transformação do modelo de produção das mercadorias, passou a utilizar os modelos Taylorista, Fordista e Toyotista que tem como objetivo o aumento da produtividade em um menor tempo, explorando a força de trabalho dos operários, esses que não discutem as ordens, faz o que lhe mandam, produzem em grande quantidade e em série no tempo exigido.

Segundo Maximiano (2004) o Taylorismo também conhecido como administração científica foi criado por Frederick Winslow Taylor (1856-1915). O sistema Taylorista foi desenvolvido a fim de resolver alguns problemas que existiam e continuam sendo comum nas empresas como: a falta de eficiência e desorganização do trabalho nas linhas de produção.

Segundo Pinto (2010) a idéia fundamental do Taylorismo é a extrema especialização de todas as funções e atividades atribuídas e realizadas pelos trabalhadores, uma especialização voltada a todas as ferramentas de trabalho utilizadas em cada atividade, de todos os movimentos executados pelos mesmos no processo de produção e de todos os traços comportamentais realizados pelos trabalhadores no seu tempo de trabalho.

No sistema de produção Taylorista tudo é passado para os trabalhadores na forma de ordens e eles são treinados sobre como deve - se cumprir tais ordens impostas pelas gerencias das empresas/ fábricas. Nesse sistema cada trabalhador tem uma função específica na indústria, o trabalho se dá através do controle dos tempos de produção das mercadorias e os cargos são ocupados por muitos trabalhadores, em sua maioriasemi - qualificados.De acordo com Maximiano (2004, pp.48-49) os princípios do Taylorismo são os seguintes:

- Selecionar cientificamente o trabalhador, de acordo com suas aptidões. Em seguida, treinar, instruir e desenvolver o trabalhador. No passado, os trabalhadores escolhiam seu próprio trabalho e treinavam-se o melhor que pudessem.
- Cooperar sinceramente com os trabalhadores, de modo a garantir que o trabalho seja feito de acordo com os princípios da ciência que foi desenvolvido.
- Dividir o trabalho igualmente, entre a administração e os trabalhadores. A administração incumbe-se de todo o trabalho para o qual esteja mais bem preparada que os trabalhadores, enquanto no passado quase todo o trabalho e a maior parte da responsabilidade recaíam sobre a mão-de-obra.

De acordo com Maximiano (2004) para que haja eficiência nas linhas de produção, os trabalhadores têm que produzir em um menor tempo possível, os movimentos dos trabalhadores são cronometrados e o sistema de pagamento é de acordo por peças produzidas (ou por quantidade), portanto os trabalhadores têm que aumentar seus esforços para obter bons rendimentos e possivelmente conseguir uma remuneração que seja capaz de suprir com suas necessidades básicas.

Segundo Pinto (2010) o Fordismo foi criado por Henry Ford (1862-1947). Esse sistema aprofunda as idéias do Taylorismo voltada para as produções como: a distribuição dos trabalhadores e de suas ferramentas de trabalho nos setores de produção, nesse novo modelo de produção o que se apresenta de novo é a implantação da linha de montagem que é o sistema de produção realizado em um menor tempo através do uso das tecnologias, sendo a partir deste momento que o homem começa a se distanciar do trabalho. Com o Fordismo os trabalhadores são separados dos seus meios de produção, esses realizam suas atividades em cima de “esteiras de produção”, ou seja, eles trabalham com máquinas automáticas e velozes exercendo movimentos ligeiros e repetidos ao longo do tempo de trabalho.

[...] o Fordismo cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões [...].(ANTUNES 2007, p.25).

Pinto (2010) afirma, que o sistema Fordista possui como idéia básica: uma produção em grande escala, a padronização dos produtos. Neste sentido certamente, há uma redução nos custos de produção e o aumento do consumo, proporcionando por sua vez, o crescimento das vendas e dos lucros empresariais.

Nas linhas de produção em série implantadas pelo sistema Fordista, as atividades aplicadas desde o momento da modificação da matéria – prima até os ajustes finais do produto

são distribuídas entre vários operários. Nestas linhas de produção os produtos fabricados são padronizados e os operários trabalham frente à velocidade das máquinas.

[...] no lugar dos homens responsáveis pelo deslocamento dos materiais e objetos de trabalho, máquinas automáticas passaram a se encarregar por tal, suprimindo o trabalho humano numa produção cuja cadência contínua impunha uma concentração dos movimentos dos trabalhadores dentro do raio de ação que efetivamente transformava as matérias-primas em produtos acabados.(PINTO 2010, p.37)

De acordo com Pinto (2010), no sistema de produção fordista, os trabalhadores não possuem conhecimento de todo processo produtivo, pois cada um se encontra em seu posto de trabalho, com o alcance de todas as ferramentas e instrumentais necessários para a fabricação das mercadorias. E um dos objetivos principais desse sistema são a “limpeza” dos locais de trabalho, a clareza dos objetivos e das tarefas, a uniformização do trabalho e o controle do ritmo do trabalho. O autor Pinto (2010, p.38) destaca que:

Basicamente a idéia fundamental no sistema taylorista/fordista, é elevar a especialização das atividades de trabalho a um plano de limitação e simplificação tão extremo que, a partir de certo momento, o operário torna-se efetivamente um “apêndice da máquina” (tal como fora descrito, ainda em meados do século 19, por Karl Marx, ao analisar o avanço da automação na indústria da época), repetindo movimentos tão absolutamente iguais num curto espaço de tempo. quanto possam ser executados por qualquer pessoa, sem a menor experiência de trabalho no assunto.

Para Pinto (2010), com o desenvolvimento do sistema taylorista/fordista, a classe trabalhadora se tornou mais dependente de seus empregadores, conseqüentemente se tornaram menos reivindicativos, pois esses trabalhadores são obrigados a cumprir todas as ordens impostas pelos seus patrões se nem sequer questionar. Os funcionários trabalham com máquinas velozes, deste modo aumenta-se a sua sobrecarga de trabalho, gerando assim a mais-valia.

Segundo Pinto (2010) o sistema Toyotistafoi criado pelo engenheiro industrial TaiichiOhn, Esse sistema emergiu na década de 1970. O modelo de produção Toyotista tem como objetivo central: a eliminação de desperdício durante o processo de produção das

mercadorias, fabricação com qualidade, ou seja, produzir de forma eficiente e eficaz, contando com a participação dos funcionários nos processos de decisões que ocorrem nas linhas de produção das fábricas.

As principais idéias do modelo de produção Toyotista segundo Maximiano (2004, p.101-102) são:

- Eliminação de desperdícios como: tempo de espera; movimentação desnecessária e produção excessiva, além do que é necessário para atender os clientes.
- Método Just in time: fornecer apenas o necessário, no momento necessário.
- Fabricação com qualidade: evitar ao máximo os erros no fornecimento de produtos e serviços.
- Produção flexível: ajustar o sistema de produção as demandas do mercado.
- Corrente de clientes: uma pessoa trabalha para outra, em uma corrente de prestação de serviços, e a qualidade se faz em cada elo.
- Combate aos desperdícios que provocam custos da não - qualidade.
- Responsabilidade dos funcionários pela limpeza e manutenção de suas ferramentas e local de trabalho.
- Responsabilidade dos funcionários pela qualidade de seu próprio trabalho.

O autor Pinto (2010) ressalta que sistema Toyotista tem como fundamento principal a rapidez nas linhas de produção e nas entregas das mercadorias, utilizando uma força de trabalho polivalente, ou seja, o trabalhador é responsável pela a execução de suas atividades, pela limpeza do seu local de trabalho, pela manutenção das máquinas, pelo controle e qualidade das mercadorias produzidas, dentre outras responsabilidades. Portanto os operários desenvolvem várias funções num só cargo dentro de uma mesma empresa.

[...] a alocação freqüente dos trabalhadores polivalentes entre varias atividades provoca-lhes sucessivas crises de adaptação – pois se exigem inúmeras habilidades, sempre em mutação. Uma vez que isso os mantém altamente concentrados na superação das dificuldades, tornam-se reduzidas as chances de refletirem sobre uma condição social comum no ambiente de trabalho. (PINTO 2010, p.75).

Nos postos de trabalho os operários são impedidos de se comunicarem frequentemente uns com os outros, para não correr o risco de sair nenhum trabalho defeituoso, esses operários são monitorados pela administração durante todo o processo produtivo.

Pinto (2010) relata que o Toyotismo tem como finalidade a melhoria da produtividade e da qualidade do trabalho, onde as gerências são responsáveis em coordenar todos os esforços empregados nos processos de produção. O modelo Toyotista insere uma quantidade mínima de trabalhadores, nos sistemas de fabricação é produzido exatamente àquilo que é necessário dentro de um tempo estabelecido e um só operário no processo produtivo conduz várias máquinas.

“[...] o desemprego é um dos fatores que garante as jornadas flexíveis de trabalho, elemento vital no acoplamento da escala de produção á demanda dos mercados de consumo, proposta central do Toyotismo.” (PINTO 2010, p.81). A citação ao lado refere-se ao desemprego como elemento vital na garantia da realização dos princípios Toyotistas no mundo do trabalho, um desses princípios são as jornadas flexíveis de trabalho descrita na própria citação.

Desta forma é possível perceber que o desemprego é quem sustenta a permanência e o desenvolvimento do Toyotismo, pois já que o trabalho é o único meio legal que o indivíduo tem na contemporaneidade de adquirir renda financeira para sua sobrevivência, portanto os trabalhadores para não ficarem desempregados aceitam e executam todas as atribuições Toyotistas que rege as atuais formas de trabalho.

Segundo Pinto (2010) no final na década de 1970 houve o esgotamento do sistema taylorista/fordista, sendo a partir deste período que o Toyotismo se tornou o modelo central das linhas de produção, em que se perdura até os dias atuais. O autor denomina essa mudança de sistemas como *reestruturação produtiva*.

A inserção do Toyotismo nos modos de produção do trabalho ocasionou enormes impactos para o trabalhador como: a polivalência, que não passa de uma ampliação das atividades, a diminuição de muitos postos de trabalho devido à alta competitividade, a elevação da jornada de trabalho devido à busca constante por mais produtividade, mas este aumento da produtividade não significa dizer, que surgiram novos postos de trabalho. “Nos anos 90, enquanto a produtividade ampliou-se consideravelmente, o emprego industrial caiu mais intensamente.” (MATTOSO 1996, apud. BÁRBARA, 1999, p. 03).

No sistema atual de produção, este que é composto pelas novas formas de trabalho toyotistas, se faz necessário a presença de trabalhadores inovadores e dinâmicos, empreendedor, que seja criativo e pesquisador, polivalentes, que saiba fazer muitas coisas,

pois as fábricas não querem mais um operário apenas para apertar os botões das máquinas e sim um operário que possua características referentes às que foram acima citadas.

Com a implementação do Toyotismo surgiu um novo arranjo nas formas de trabalho, onde os setores de trabalho procuram cada vez mais trabalhadores capacitados, qualificados, dedicados e profissionais polivalentes, sendo esta, uma das atribuições impostas pelo Toyotismo que se tornou nos dias atuais uma das principais exigências das empresas/indústrias, sendo uma das condições essenciais que o indivíduo deve obter, para que assim possa ter acessibilidade a um emprego na contemporaneidade.

Nas modernas formas de trabalho as produções estão sempre voltadas para atender as necessidades dos indivíduos consumidores, também se faz indispensável à presença de trabalhadores flexíveis, ou seja, que estejam aptos a se adaptarem as mudanças que ocorrem nos setores de trabalho. Nesses setores de trabalho as gerências monitoram os trabalhadores através dos meios eletrônicos (e-mails, celulares, computadores, entre outros).

O processo de reestruturação produtiva gerou mudanças em relação ao papel do Estado na criação de políticas sociais, ou seja, as políticas sociais diminuíram e as que existem não atendem a todos que realmente necessitam. No que diz respeito às políticas sociais de emprego e renda existentes no nosso país, o que se destaca é o aspecto na “empregabilidade”.

A empregabilidade significa a capacidade individual de encontrar emprego ou trabalho no mercado, pelo esforço de capacitação e de busca de competitividade pessoal. A competitividade é que está na base da empregabilidade, fazendo com que os trabalhadores se inscrevam em programas de formação profissional (...). Os programas têm o efeito de manter a expectativa de trabalhar, fazer crer no esforço individual, no seu fracasso e de diminuir a busca de emprego. (FALEIROS, 2000, apud. ANDRADE, 2004, p.04).

Segundo Pinto (2010) com a reestruturação produtiva que se caracteriza através da mudança dos sistemas Taylorista / Fordista para o Toyotista como modelo central nos modos de produção do trabalho. Para o autor com a admissão desse sistema a classe trabalhadora foi dividida em dois grupos, um é composto pelos trabalhadores que possuem um maior nível de escolaridade, exigindo desses trabalhadores uma maior participação e polivalência, onde se tem uma pequena diferenciação de salários, o trabalho é realizado em equipe e esses

trabalhadores têm acesso a um emprego com pequenos índices de mudança de cargo ou ocupação.

Ainda de acordo com autor acima citado, o outro grupo é formado por trabalhadores contratados temporariamente, os subcontratados como “terceiros” e os que pertencem ao trabalho informal, segundo Pinto esse segundo grupo é muito maior que o primeiro e os indivíduos que compõe este grupo sofre com a precariedade do trabalho e da remuneração em meio a uma crescente ausência dos direitos trabalhistas e sociais.

Prieb (2005) afirma que, o modelo de produção toyotista é acompanhado de uma redução do trabalho vivo, ou seja, nesse sistema é utilizada uma inserção mínima possível de operários e para que se tenha o aumento da produtividade o operário tem sua jornada de trabalho ampliada ou acontece à contratação de novos trabalhadores. Ainda para o autor, o toyotismo trouxe como consequências para os operários: o desemprego, a subcontratação, a desqualificação e um aumento no seu volume de trabalho.

Esse aumento do volume de trabalho é devido à atribuição do toyotismo, onde os salários são pagos de acordo com o aumento da produtividade, deste modo os trabalhadores para conseguir obter o aumento nas suas produções, ultrapassam suas jornadas de trabalho para consequentemente conseguir aumento nos salários.

Segundo Prieb (2005) todas as mudanças ocorridas no mundo do trabalho ao longo deste século, juntamente com o uso das inovações tecnológicas, esses fatores contribuíram para a ampliação de trabalhadores contratados, o desenvolvimento da terceirização e o crescimento do trabalho informal, como resultado da diminuição de empregos formais no mercado de trabalho.

No toyotismo se faz necessário a presença de trabalhadores superespecializados, ou seja, ele tem que saber fazer tudo no que se diz respeita a realização de atividades que compete a sua profissão/cargo. A maioria dos trabalhadores no seu emprego dá o máximo de si, se esforça o bastante, estão sempre se qualificando até porque essa é uma das exigências do mercado de trabalho atual, o qual procura inserir indivíduos cada vez mais capacitados, portanto os que já se encontram inseridos procuram fazer tudo aquilo que se encontra ao seu alcance, mas infelizmente não são todas as vezes que esses trabalhadores são reconhecidos e recompensados o quanto merecem.

Em síntese, com a inserção do Toyotismo nos modos de produção do trabalho capitalista o que se apresenta na realidade, é uma alta exploração do trabalho, a qual pode ser identificada através da exigência da polivalência nos setores de trabalho, a ampliação da força de trabalho, o aumento das jornadas de trabalho sem ganhar nenhuma remuneração extra (a mais-valia), o pagamento de baixos salários, o desenvolvimento de trabalhadores contratados, onde esses contratos muitas das vezes possuem um curto período de tempo de trabalho e os trabalhadores não tem a sua carteira de trabalho assinada, o crescimento exacerbado da terceirização, onde as empresas subcontratam outras empresas para desenvolver alguma outra atividade ou fornecer produtos, precariedade nas formas de trabalho, o progresso do setor informal, a flexibilização dos direitos dos trabalhadores, “um aumento da adesão a um sindicalismo “neocorporativo”, o qual privilegia interesses dos trabalhadores qualificados e “estáveis” em detrimento dos precarizados, dos subcontratados, etc.” (PINTO, 2010 P.51).

CAPÍTULO II

3. A INFORMALIDADE NO SÉCULO XXI.

Com o processo de industrialização, houve o período da migração, onde várias pessoas deixaram suas cidades, suas raízes, e partiram em busca de emprego nas cidades grandes, como São Paulo e Rio de Janeiro, que são pólos industriais.

Segundo Vicentino e Dorigo, (2005, p.291): “a Revolução Industrial estabeleceu a definitiva supremacia burguesa na ordem econômica, ao mesmo tempo em que acelerou o êxodo rural, o crescimento urbano e a formação da classe operária. ”

Como destacam os autores acima citado, com o processo de industrialização em meados do século XVIII, houve a migração ou êxodo rural, essa migração tinha o objetivo de conseguir emprego, pois idealizaram que com a grande quantidade de indústrias, conseqüentemente havia um vasto número de empregos, sendo assim os mesmos imaginaram que iriam se ingressar em algum e assim obter uma melhor qualidade de vida.

Ao se deparar com esta realidade, estes indivíduos perceberam que as vagas de emprego já estavam preenchidas, pois estas em sua maioria exigiam uma mão de obra qualificada, sendo que várias pessoas já estavam desempregadas, logo os migrantes também passaram a fazer parte desse índice de desempregados.

O autor Gilberto Cotrim, denomina Revolução Industrial como:

Oconjunto de transformações ocorridas de modo geral na Europa ocidental, entre os séculos XVIII e XIX. Tais transformações relacionam-se diretamente com a substituição da produção artesanal e manufatureira-realizada com a utilização de ferramentas – pela produção em série, realizada por trabalhadores assalariados com o uso predominante de máquinas. (COTRIM, 2010. p.123).

Segundo Netto e Braz (2007, p.112):

[...] a subsunção real do trabalho ao capital, nas palavras de Marx- vai operar-se com a consolidação dos processos produtivos possibilitados pela Revolução Industrial, que dá seus primeiros passos no último terço do século XVIII. É então que se instaura a produção especificamente capitalista, implementada através de máquinas(fundamentalmente através de máquinas-ferramenta) e típica da grande indústria [...].

Percebe-se que com o passar dos anos, as indústrias ganharam cada vez mais espaço, onde os empregadores passaram a diminuir os gastos, no entanto, aumentar o seu lucro, pois a partir do momento em que estes diminuem o investimento em mão de obra, e passam a investir mais na aquisição e manutenção de maquinário, estes têm cada vez mais a tendência em crescer sua lucratividade, pois as máquinas produzem mais e em pouco tempo. Vale ressaltar que o processo de industrialização, trouxe consigo várias mudanças na produção de bens e serviços, pois com a expansão da Revolução Industrial, o trabalho que até então era realizado manualmente, passou a ser realizado através da utilização de máquinas.

O trabalho de maquinaria se expandiu de maneira desastrosa para os trabalhadores, pois com a expansão das máquinas vários trabalhadores perderam seus empregos, passando da condição de trabalhadores assalariados, para desempregados. Percebe-se que com o desemprego traz consigo, várias consequências estas que se evidenciaram enquanto expressões da questão social, tais como:

- **Violência:** a violência cresceu ainda mais, pois ao perceber que estava desempregado, o indivíduo se desesperava e partia para agressão como meio de reivindicar e chamar a atenção para o que estava ocorrendo;
- **Prostituição:** mulheres passaram a vender seu corpo como meio de sobrevivência. Para Giddens (1938, p.123), prostituição pode ser definida como a concessão de favores sexuais em troca de ganho monetário.
- **Criminalidade:** pessoas desempregadas sem ter como se sustentar e até mesmo sua família, viram na criminalidade uma solução para seu problema, passaram a ingressar no mundo do tráfico, e/ou a praticar assalto, pois estes são meios fáceis de conseguir dinheiro, sendo assim, a criminalidade cresce sem parar.

É relevante lembrar que atualmente nas relações de trabalho, os empregadores exigem um profissional polivalente, ou seja, um profissional capacitado para atuar em diversas áreas, entretanto é este profissional que se enquadra neste novo mercado de trabalho. “Em

lugar de empregar especialistas limitados, muitas empresas preferem contratar pessoas competentes que não sejam especialistas, mas que tenham a capacidade de desenvolver novas habilidades no emprego.” (GIDDENS, 2005, p.315).

Sendo assim, surgem novas formas de trabalho, entre elas: o trabalho informal. Trabalhadores informais são aqueles que não possuem nenhum vínculo empregatício, ou seja, não há a relação entre patrão e empregado, pois o trabalhador informal é o patrão e o empregado ao mesmo tempo.

Os informais são pessoas que trabalham por conta própria, por um lado tem seus pontos positivos, pois os mesmo não necessitam serem subordinados por empregadores, entretanto, há seus pontos negativos, como não ter direitos sociais, tais como: carteira assinada, décimo terceiro salário, férias remuneradas, entre outros.

Desta maneira, o trabalho informal, foi e é uma porta de entrada para as pessoas que não se encontram inseridas no trabalho formal, vale lembrar que trabalho formal é aquele em que o indivíduo trabalha de maneira legalizada, tendo garantias e direitos, legalizados pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas).

Atualmente percebe-se o grande número de pessoas inseridas nesse mercado informal, sendo este uma porta aberta para aqueles que não conseguiram se enquadrar no perfil adotado por determinados empregadores, pois hoje em dia o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e exigente, aonde pessoas com faixa etária alta e baixa escolaridade não chega a atender as exigências impostas por este mercado, logo esses indivíduos ficam fora do mercado de trabalho formal.

Conforme salienta Tavares (2004) “até os anos 80, certas atividades informais eram desempenhadas predominantemente por idosos, analfabetos ou detentores de baixo nível de escolaridade e qualificação, e migrantes.”

Como afirma a autora Maria Augusta Tavares, percebe-se que desde os anos 80 que pessoas idosas e sem qualificação eram excluídas do mercado de trabalho formal, também fica claro que desde os tempos passados a informalidade é um meio de sobrevivência para os excluídos, e que a informalidade não é algo novo, e sim algo que com o passar dos anos está se expandindo cada vez mais.

3.1 MODALIDADES DE TRABALHADORES INFORMAIS.

Como vimos anteriormente o capitalismo desde sua gênese tem mudado as formas de trabalho, pois a partir do momento em que as máquinas passam a substituir o homem, o que resta agora são poucas oportunidades de emprego, para isto, o mesmo busca novas modalidades de trabalho para suprir suas necessidades. Para Antunes,

Estas modalidades de trabalho- configurando as mais distintas e diferenciadas formas de precarização do trabalho e de expansão da informalidade- vêm ampliando as formas geradoras do *valor*, ainda que sob a *aparência* do *não valor*, utilizando- se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de *autoexploração* do trabalho). (ANTUNES, 2011, p. 407)

Deste modo, segundo Antunes, há três modalidades em que se inserem os trabalhadores informais:

"Na primeira modalidade de informalidade remete à figura dos *trabalhadores informais tradicionais*" (p.408), estes trabalhadores realizam atividades que necessita de pouca capacitação e buscam apenas um meio de sustento familiar, quando necessário contrata um ajudante temporário ou conta com o auxílio de seus familiares no desempenho das atividades.

Neste universo encontramos "os menos *'instáveis'*, que possuem um mínimo de conhecimento profissional e os meios de trabalho e, na grande maioria dos casos, desenvolvem suas atividades no setor de prestação de serviços", de que são exemplos as costureiras, pedreiros, jardineiros, vendedor ambulante de artigos de consumo mais imediato, como alimentos, vestuário, calçados e bens de consumo pessoal, camelôs, empregado doméstico, sapateiros e oficinas de reparos (ANTUNES, 2011, p. 409).

Para Antunes (2011, p. 409) há ainda "os informais mais *'instáveis'*, recrutados temporariamente e com frequência remunerados por peça ou por serviço realizado".

Eles realizam trabalhos eventuais e contingenciais, pautados pela força física e pela realização de atividades dotadas de baixa qualificação, como carregadores, carroceiros e trabalhadores de rua e serviços em geral. Esses trabalhadores mais "instáveis" podem inclusive ser subempregados pelos trabalhadores informais mais "estáveis". (ANTUNES, 2011, p. 409).

Esta modalidade apresentada pode- se incluir também os que se encontram informais quando estão desempregados, mas que pretendem retornar ao trabalho assalariado. Acontece que esta retomada nem sempre vêm de imediato fazendo com que a informalidade trone- se permanente na vida deste indivíduo.

Os trabalhadores que quando estão desempregados, fazem os chamados "bicos", estão sujeitos a "um baixo rendimento", como é o caso de "vendedores de diversos produtos (limpeza, cosméticos, roupas), digitador, salgadeiras, faxineiras e confecção de artesanato nas horas de fuga" (p.409).

De acordo com Antunes na "segunda modalidade remete à figura dos *trabalhadores informais assalariados sem registro*" (p.410), nesta modalidade o trabalhador passa de assalariado com carteira assinada, para assalariado sem carteira assinada.

A "terceira modalidade é encontrada nos *trabalhadores informais por conta própria*", onde o trabalhador obtém "sua própria força de trabalho ou de familiares" (p.410), pondo em prática essas forças de trabalho para obter seu lucro.

Pode- se perceber que a uma variedade das novas formas de trabalho como vimos acima descrita por Antunes. Vale ressaltar que o trabalhador é tido como informal dependendo da sua ligação com o modo de trabalho, na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) esclarece, art. 3º: Considera -se empregado toda pessoa física que prestar serviços de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste e mediante salário. (LOPES e CRUZ 2012, p. 180).

Com isto nota- se que existe um grande número de trabalhadores que não são tidos como empregados e sim autônomos, pois trabalham em prol de si mesmo, sem precisar do

outro. A seguir teremos alguns exemplos de trabalhadores que podem ser tidos como autônomo:

Os *pedreiros* são o maior exemplo de trabalhadores autônomos que contratam um segundo informal para ajudá-lo, porque há sempre a necessidade de um servente na construção de uma obra, e este por sua vez é eventual, por este motivo não há relação de empregado.

Do mesmo modo encontramos nas categorias abaixo descritas, ou seja, trabalhadores autônomos informais (pois trabalha para si mesmo), mas contratam um segundo para ajudá-los, vejamos:

Os *salões de beleza* atualmente têm sido bastante procurados devido à vaidade da população, porém é em tempos comemorativos que estes se encontram "super lotados", para atender esta demanda os profissionais contratam um segundo trabalhador para auxiliá-lo em pequenos detalhes, como lavar os cabelos da clientela, escovar, etc.

No *bordado* encontramos um grupo de trabalhadores informais pagos por outro também informal, tal processo é realizado da seguinte forma: um determinado grupo compra o tecido para fazer seu bordado denominado "ponto de cruz", vende aos feirantes que antes de colocar a venda paga a terceiros para passar o crochê e quando devolvido, paga para colocar na "goma" e estando no ponto (seca), vêm o ferro de passar para um melhor acabamento, agora é a vez de colocar a venda. Vale ressaltar que apenas os bordados são feitos por mulheres, as demais atividades são realizadas por ambos os sexos.

Os *pintores* quando se encontram com grande demanda, logo contratam um ajudante para seu trabalho tornar eficiente. Outro exemplo se encontra em *lava-jato*, pois com o crescimento desordenado da tecnologia trouxe consigo grande influência de consumo e o que vemos são automóveis em preços estimuláveis para a população, até mesmo quem possui pouco mais de um salário mínimo, com isto as pequenas e grandes cidades estão tomadas pelos automóveis, conseqüentemente aumenta a busca por lava-jato, pois é neste que a limpeza dos automóveis se faz eficaz, sendo assim, um indivíduo não daria conta de lavar e lubrificar tantos carros e motos havendo a necessidade de um ou mais trabalhadores informais tornando-se temporários ou não.

O exemplo citado acima lembra ainda dos trabalhadores informais denominados de *taxistas*. A compra de automóveis não trás apenas lazer para estes, pois existem aqueles que

possuem automóveis para circulação de "fretes", uns por não possuírem nenhuma renda, outros mesmo sendo concursados trabalham como forma de complemento.

Os trabalhadores autônomos são os que vêm aumentando neste modo de ser da informalidade, na atualidade tem sido comum nos bairros, venda de produtos de cosméticos, cama, mesa e banho, dentre outros através de revistas, facilitando a lucratividade, pois sua clientela geralmente são vizinhos, amigos e familiares.

Os *camelôs* no Brasil, principalmente na grande metrópole São Paulo é um trabalho que tem se tornado comum, são inúmeros os que estão expostos com produtos baratos e pirateados à venda, arriscando perder sua mercadoria quando a fiscalização surge (polícia), sem contar com os abusos de autoridade para com os mesmos.

Uma maneira de serem inseridos os trabalhadores informais como formal esta no empreendedorismo, dando - lhes a oportunidade de se enquadrar como micro empreendedor, esta nova forma de inserção tem obtido visíveis resultados e melhorias para os mesmos.

3.2 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO.

Ao longo do tempo no mundo do trabalho ocorreram expressivas mudanças que deram origem a diversos fatores, uma deles foi à precarização do trabalho, esta que por sua vez se faz tão presente no mercado de trabalho, atingindo a vida dos trabalhadores. As novas formas de trabalho estão voltadas para a competitividade das empresas através da contratação de trabalhadores e a eliminação dos direitos trabalhistas, ocasionando a precarização das relações de trabalho.

Segundo Antunes (2011) perante o resultado das metamorfoses ocorridas nos países capitalistas, estamos diante de uma significativa precarização que ocorre nas formas de trabalho subcontratados e precarizado. As novas modalidades de trabalho causaas mais distintas formas de precarização do trabalho, em que se utiliza mecanismos para a intensificação do trabalho (quando não de auto-explorarão do trabalho).

A precarização do trabalho está voltada para as formas de trabalho existentes na sociedade contemporânea, onde os indivíduos se submetem vender sua força de trabalho de forma vulnerável, pois depois de inseridos no mercado de trabalho, esses indivíduos estão sujeitos a cumprir funções precárias, sendo que a maioria dos trabalhadores atuais não desfruta dos seus direitos trabalhistas, não recebem uma boa remuneração e realizam atividades que podem colocar em risco sua saúde física ou mental.

Vale ressaltar o que diz Antunes (2011. p: 407):

Em pleno século XXI, há jornadas de trabalho, em São Paulo, que chegam a dezessete horas diárias [...] aflorando um traço pouco visível e brutal da chamada “globalização” [...]. No agronegócio do açúcar, onde cortar mais de dez toneladas de cana por dia é a média em São Paulo, sendo que no Nordeste do país esse número pode chegar até dezoito toneladas diárias [...]. Na nossa América Latina, trabalhadoras domésticas chegam a realizar jornadas de noventa horas por semana, tendo não mais que um dia de folga ao mês [...].

O capital pelo fato de buscar intensamente o aumento da produtividade acaba substituindo o trabalho estável acompanhado de boas relações e formas de trabalho, regido

pelo cumprimento das leis trabalhistas, por trabalhos precarizados, onde acontece a ampliação da sobrecarga de trabalho em tempo cada vez menor e a diminuição da remuneração da força de trabalho.

[...] o capital desemprega cada vez mais trabalho estável, substituindo-os por trabalhos precarizados, que se encontram em enorme expansão no mundo agrário, industrial e de serviços, bem como nas múltiplas interconexões existentes entre eles, como na agroindústria, nos serviços industriais ou na indústria de serviços. (ANTUNES 2011, p. 407).

Druck (2009) aborda sobre alguns tipos de precarização do trabalho, o primeiro tipo da precarização do trabalho: *vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais*, esse tipo de precarização do trabalho ressaltada pelos autores refere-se à inserção de contratos precários no mercado de trabalho e a falta de proteção social para com os trabalhadores. Segundo tipo de precarização: *intensificação do trabalho e terceirização*, este tipo de precarização está relacionada ao desenvolvimento da terceirização no mercado de trabalho e as formas de trabalho que os trabalhadores desempenham durante o seu agir profissional, como: a polivalência, extensão da jornada de trabalho, etc.

Terceiro tipo de precarização social: *insegurança e saúde no trabalho* refere-se à falta de insegurança no trabalho, que está voltada a ausência de informações sobre os riscos e as medidas preventivas cabíveis que devem ser tomadas contra acidentes de trabalho. De acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho) em “2002, 270 milhões de trabalhadores assalariados foram vítimas de acidentes de trabalho, tendo dois milhões resultados em mortes. Nos países mais industrializados, embora tenha ocorrido uma diminuição do número de lesões graves, elevaram-se outras formas de adoecimento, tais como as afecções músculo - esqueléticas, o estresse, problemas psíquicos, reações asmáticas e alérgicas, além de doenças decorrentes da exposição e agentes tóxicos. Embora não caiba estimar o custo de uma vida, a OIT calculou em 2002 que 4% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial foi gasto com doenças profissionais, absenteísmo, tratamentos, incapacidade e pensões.” (PINTO 2010, p. 11). No caso do Brasil,

[...] a incorporação de novas tecnologias, a precarização das relações de trabalho, a intensificação do ritmo, a diminuição dos postos de trabalho, a sobrecarga e a exigência dos que permanecem trabalhando tem ampliado e agravado o quadro de doenças e de riscos de acidentes. Os distúrbios osteomusculares e as lesões por esforços repetitivos – Dort/LER, além dos transtornos psíquicos, são hoje as principais causas de afastamento no trabalho e de aposentadoria precoces, com forte impacto nas contas da Previdência (LANCMAN, 2004, apud. PINTO 2010, p.12).

Quarto tipo de precarização: *perda das identidades individual e coletiva*, ou seja, ocorre uma dominação no âmbito do trabalho, pois o trabalhador para não perder seu emprego, muitas das vezes acaba esquecendo ou não praticando sua auto ética, cultura ou costume no local de trabalho, sendo obrigados a cumprir todas as ordens e exigências postas por seus patrões.

Quinto tipo de precarização do trabalho: *fragilização da organização dos trabalhadores*, o quinto tipo de precarização do trabalho pode ser identificado nas dificuldades de organização dos trabalhadores em realizar greves, acordos e decisões que tem como propósito, a busca de melhores condições de trabalho e a efetivação dos direitos trabalhistas. Um sexto tipo de precarização social do trabalho: *a condenação e o descarte do Direito do Trabalho*, esse sexto tipo de precarização do trabalho identificado pelo autor acima citado, está relacionada à falta de efetivação das leis trabalhistas e sociais.

De acordo com Antunes (2011), hoje em dia os capitais criam falsas cooperativas para enfraquecer ainda mais a remuneração dos trabalhadores, aumentar os níveis de exploração da força de trabalho, fazendo com que os direitos trabalhistas sejam menos efetivados, deste modo, causa o aumento da precarização da classe trabalhadora. Ainda para o autor, no empreendedorismo os trabalhadores cada vez mais se deparam com uma forma oculta de trabalho assalariado, pois este permite gerar diferentes índices de salário.

Os trabalhadores da contemporaneidade possuem condições mínimas de saúde física e mental, por conta das exigências que o trabalho os impõe, como: o aceleração do ritmo de trabalho para a obtenção do aumento produtivo ou o adiantamento nos processos de trabalho num espaço mínimo de tempo.

A maioria dos trabalhadores contemporâneos se encontra a frente do desemprego, pelo fato de não possuir um emprego efetivo e sim contratado, onde nesses contratos muitas das vezes os trabalhadores não possuem carteira de trabalho, a queda de seus salários é

constante, as atividades e as jornadas de trabalho aumentam freqüentemente, mas a sua remuneração não aumenta continua sempre a mesma.

Os indivíduos que compõe a classe trabalhadora evitam expressar suas opiniões no local de trabalho e para realizarem qualquer reivindicação em função a efetivação dos seus direitos trabalhistas, eles pensam muito antes de agir e muitas das vezes desistem de tomar qualquer atitude desejada, por medo de serem demitidos.

Muitos dos trabalhadores da sociedade capitalista trabalham em mais de um local para adquirir uma renda financeira propícia a suprir com suas necessidades básicas de sobrevivência e quase sempre todos os postos de trabalho, apresentam as mesmas formas precárias de trabalho, o que muda é a maneira como elas são atribuídas. O trabalho informal é desprovido de direitos, por isso a informalidade se encaixa perfeitamente no âmbito da precarização.

A forma de inserção no trabalho informal é extremamente precária e se caracteriza por uma renda muito baixa, além de não garantir o acesso aos direitos sociais e trabalhistas básicos, como aposentadoria, FGTS, auxílio-doença, licença-maternidade; se ficarem doentes éforçados a parar de trabalhar, perdendo integralmente sua fonte de renda. (ANTUNES 2011, p. 409).

Os trabalhadores informais não desfrutam de nenhum direito trabalhista, não tem horário fixo de trabalho, as jornadas de trabalho freqüentemente são longas para aumentar a renda financeira e durante o processo de trabalho também pode existir a ajuda dos membros da família, ganhando ou não alguma quantia financeira.

[...] o desmonte da legislação social protetora do trabalho [...] significa- [...] aumentar ainda mais os mecanismos de extração do sobretrabalho, ampliar as formas de precarização e destruição dos direitos sociais que foram arduamente conquistados pela classe trabalhadora, desde o início da Revolução Industrial, na Inglaterra, e especialmente pós -1930, quando se toma o exemplo brasileiro. (ANTUNES 2011, p. 411).

A precarização do trabalho também acontece através da relação entre empregador e empregado, pois os empregadores na maioria das vezes discutem comumente com seus funcionários, tratam seus empregados de forma inconveniente (com falta de respeito ou ignorância), impõe muitas obrigações que não compete a sua tarefa profissional aumentando a sua sobrecarga de trabalho, pagam uma remuneração indecente frente a suas atividades realizadas, entre outras precarizações.

Devido à grande possibilidade de desemprego que rege no capitalismo por conta da ocupação das máquinas, neste sentido ocorre uma redução de trabalhadores no mercado de trabalho, desta maneira as pessoas para não ficarem desempregadas acabam realizando algum tipo de trabalho informal, onde não existe nenhuma relação entre empregador e empregado, mas é um trabalho regido pelos múltiplos traços da precarização, portanto os trabalhadores formais e informais lidam com um fenômeno implantado e regido pelo capital, que é a precarização do trabalho.

Antunes (2011) ressalta que, a marcante informalização e precarização do trabalho são decorrentes dos fenômenos que rege o universo do capital, como as “responsabilizações” e as “individualizações”, os “parceiros” ou “consultores”, os “envolvimentos” dos novos “colaboradores”, as “metas” e “competências”.

No mundo do trabalho contemporâneo, o trabalho “estável”, ou seja, um trabalho mais qualificado composto de boas relações entre empregador e empregado, com acesso a uma boa remuneração e a efetivação dos direitos trabalhistas e sociais, este tipo de trabalho está cada vez menor, já o trabalho precarizado está voltado para um universo cada vez maior de trabalhadores e trabalhadoras. “[...] a informalização da força de trabalho é caminho seguro, utilizado pela engenharia do capital; para arquitetar e ampliar [...] a precarização estrutural do trabalho em escala global” (ANTUNES 2011, p. 418).

A precarização do trabalho é um dos fatores que necessita da intervenção do profissional de Serviço Social, já que o papel do Assistente Social está voltado para a defesa intransigente dos Direitos Humanos tendo como objeto de trabalho as expressões da questão social, sendo a precarização do trabalho uma dessas expressões, portanto o Assistente Social deve intervir na precarização em sua prática profissional, mediante o repasse de informações aos trabalhadores sobre os seus direitos trabalhistas e sociais, pois muitos deles não possuem conhecimento dos seus direitos e aos empregadores informar sobre os seus deveres para com os empregados.

Os Assistentes Sociais que trabalham nas entidades privadas como: empresas e indústrias devem criar projetos que possam beneficiar os empregadores e os empregados, na busca de uma boa relação entre ambos, apresentando idéias que possam ser atribuídas no local de trabalho e que tenham como objetivo central o alcance de satisfação por parte dos empregadores e empregados, procurando sempre efetivar os direitos trabalhistas e sociais da classe trabalhadora.

É de relevante importância à inserção do Assistente Social nas empresas/ fábricas, pois uma das competências desse profissional é combater ou amenizar a precarização do trabalho, sendo esta uma expressão da questão social que afeta a vida de muitos indivíduos e se faz tão presente nos setores de trabalho da contemporaneidade.

CAPÍTULO III.

4. HISTÓRIA DO MUNICÍPIO.

Segundo o IBGE (2010) -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, vivem no município de Cedro de São João - SE 5.633 habitantes, em que 5.035 residem na área urbana e 598 na área rural, este localiza-se a 94 km da capital sergipana, foi criado pela lei 1.015 de 04/10/1928, sendo sua área proveniente do município de Propriá, possui uma área de 83,70 km², sua latitude -10°15'07'' e longitude - 36°53'02''.

A bacia hidrográfica da cidade é formada pelo Rio São Francisco, os riachos da Baixa do Cipó, da Ponta Comprida, Jacaré, e o Grande; e ainda Lagoa Salomé, Lagoa Cedro, Lagoa do Algodão e a Lagoa do Padre. Seu solo predominante é LitólicoEutrófico, Podzólico Vermelho-Amarelo Equivalente Eutrófico, PodzólicoVermelho-Amarelo, RegosolEutrófico e Solo Aluvial.

De do acordo com as informações contidas no livro Sergipe Panorâmico (2009, pp. 143 - 144), a comunidade de Cedro de São João/SE surgiu em 1834, onde se ergueu a cidade possuía um grupo de vinte moradias rústicas construídas por ciganos vindos de Minas Gerais, porém havia uma residência bem mais ampla onde habitava o proprietário com seus familiares, a qual era denominada Fazenda Cedro devido à abundância da madeira Cedro naquela época.

Em 1835, para atender ao número regular de crianças em idade escolar, o senhor Antônio Nunes, proprietário da fazenda obteve uma escola do governo provincial para aquele incipiente povoado.

A povoação foi crescendo e em decorrência da necessidade de celebração de atos religiosos foi construída a Capela de São João Batista, a atual matriz. A lei estadual n° 83 de 23 de outubro de 1894, elevou o povoado à categoria de cidade e sede município, sendo tal condição revogada pela lei n ° 422 de 29 de outubro de 1901, a qual retornou a cidade à categoria de povoado. A lei estadual n° 1015 de 04 de outubro de 1928 restabeleceu a condição perdida.

Com o Decreto – Lei n° 533 de 07 de dezembro de 1944, foi o topônimo alterado para Darcilena. A lei estadual n ° 554 de 06 de fevereiro de 1954 revogou o Decreto - Lei

anterior passando a denominação de município de Cedro de São João, sendo a partir daí que o município teve seu território desmembrado do município de Propriá.

Mediante informações cedidas pelo professor Heribaldo Vieira de Melo a nossa realidade cultural é vergonhosa, pois em Cedro não há museu, grupo de teatro, centro cultural e nem uma biblioteca equipada, não há incentivo a poetas e nem aos festejos religiosos e populares.

Vale ressaltar a fala do ex- prefeito Paulo Alves, o qual revela que a cidade teve seu aspecto melhorado por alguns dos seus administradores implantando a rede distribuidora de energia, o sistema de abastecimento de água, pavimentação de estradas, transporte e educação mais adequada para as crianças. O mesmo entende que a educação deve ser priorizada porque é nela que o jovem busca o seu sustentáculo na sociedade. Ressaltando que finalmente a cidade de Cedro, em meio a uma série de problemas políticos e econômicos, conquista um desenvolvimento relativamente bom nos dias atuais.

Segundo o ex - vereador Edézio Vieira de Melo a cidade se originou dos holandeses, porém houve a existência de ciganos, vindos de Minas Gerais o que deixa a população confusa em relação a suas origens. Porém, o mesmo relata ainda, que os cedreirenses são sim de origem holandesa, o que os ciganos deixaram foi à lembrança da origem da Lagoa Salomé, lagoa está denominada Salomé em homenagem a uma cigana que morreu afogada neste local.

No que diz respeito ao trabalho informal que a população cedreirense desempenha, este trabalho está voltado à realização de atividades na modalidade de vendedores de produtos artesanais e logísticos, marchantes e feirantes.

Na feira livre o produto mais reconhecido e procurado pelos visitantes é a carne bovina (conhecida em toda região como a carne – do - sol) está que é produzida no próprio município e vendida na feira livre local e em outros municípios como Japoatã, Pacatuba, Ilha das Flores, Brejo Grande, Aquidabã, Muribeca, Propriá, Japaratuba e Aracaju e ainda é exportada para restaurantes e churrascarias do município de Penedo (Alagoas).

O artesanato é uma produção econômica da cidade a qual se encaixa na modalidade do trabalho informal, pois a maioria da população trabalha em cima da venda e revenda dos produtos confeccionados na cidade como: os bordados, crochês e os biscoitos Carlota, esses referidos produtos são vendidos na feira livre do município e nas feiras das demais cidades ribeirinhas, chegando até algumas feiras das cidades de Alagoas e Bahia.

A realização do trabalho informal acima descrito é um dos meios em que grande parte da população cedreirense realiza para adquirir renda financeira apta a suprir com suas necessidades básicas de sobrevivência, proporcionando o sustento familiar. Vale ressaltar, que a oferta de trabalhos formais no município de Cedro de São João – SE é mínima, desta forma os indivíduos recorrem à realização de trabalhos informais, para não ficarem desempregados.

4.1 A INFORMALIDADE DO TRABALHO DOS FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE CEDRO DE SÃO JOÃO – SE.

Nota-se que as feiras existem desde o período em que Jesus Cristo viveu na terra, como diz na Bíblia Sagrada em Marcos. 11:15 “[...] e Jesus, entrando no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; e derrubou as mesas dos cambiadores e as cadeiras dos que vendiam pombas”.

Segundo (Pirenne, 1936, apud. Sato, 2007) a feira livre se originou na Europa no século IX se oficializou em 1914, onde existiam os mercados locais organizados que tinham como propósito suprir a população local com os mantimentos de necessidade inicial. Levando em consideração o que o autor acima apresenta, percebe-se que antigamente a feira livre comercializava apenas os mantimentos que os indivíduos necessitavam para a sua sobrevivência, ao contrário dos dias atuais, em que se evidencia a comercialização de diversos produtos alimentícios, higiênicos, logísticos, artesanais e culturais.

Nas feiras livres outrora existia o intercâmbio, um sistema de troca, ou seja, as pessoas quando não vendiam toda sua mercadoria trocava por outros produtos ou vendia a um preço muito mais baixo, visivelmente essa situação vem sendo praticada nos dias atuais, inclusive na feira livre estudada.

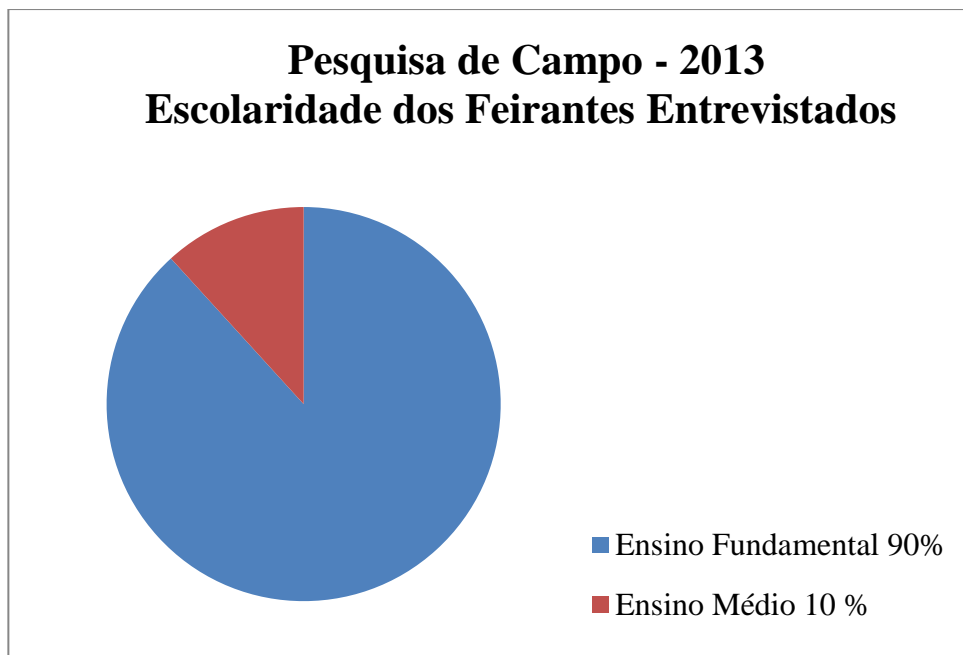
Segundo (Guimarães, 1969; Santos, 1979/ 2004, apud. Sato, 2007) a feira livre possui vínculos precários de trabalho em termos de proteção social, onde os feirantes estão submetidos ao trabalho fisicamente pesado, pois estes transportam e carregam as mercadorias, montam, arrumam e desmontam a “*loja*”, ou seja, a banca onde põe os produtos que vendem.

A feira livre estudada situa-se no município de Cedro de São João – SE, na Avenida Helena Sá, esta acontece aos domingos no período matutino, contém 165 bancas, sendo composta por uma venda diversificada de mercadorias, é realizada atualmente numa praça de eventos com uma ampla estrutura, mas antigamente, há cinco anos a feira livre do presente município acontecia no centro da cidade, na praça Miguel Seixas.

Para a elaboração deste capítulo foi-serealizado uma entrevista com alguns feirantes mais antigos de Cedro de São João - SE, a entrevista teve como objetivo conhecer a realidade desses feirantes, para que desta forma, pudesse descrever sobre o trabalho informal exercido pelos mesmos.

Na pesquisa de campo entrevistou - se feirantes vendedores de frutas e verduras, de brinquedos, chinelos e iogurtes caseiros, de bolsas plásticas, de bolos e de roupas. Os feirantes foram questionados sobre o motivo que o levou a se inserir na feira municipal e todos relataram que foi por falta de oportunidade de emprego.

Em relação à escolaridade dos feirantes, uns chegaram a concluir o ensino médio, outros só estudaram até o ensino fundamental, a maioria vindos de família pobre, lavradores, como é o caso do senhor G.A.S com 67 anos, feirante há 33 anos, outros trabalham desde criança ajudando seus pais na roça, “meu pai morreu e ficou 10 filhos pra minha mãe criar e tudo vivia da roça”, diz M.S.S 61 anos, feirante a mais de 30 anos.



Com a entrevista realizada foi possível constatar que os feirantes que viajam para dar feira em outros lugares acabam se situando e convivendo em ambientes sociais, econômicos e culturais diversos, lidam com freguesias de perfis diferentes, conhecem muitas pessoas e criam muitas amizades. “Já sou aposentada, mas amo ser feirante, enquanto Deus me der saúde eu vou freqüentar as feiras, no deixo não, a feira é divertida e faz muito amigo”. (M.S.S).

Os feirantes se deslocam de Cedro para vender em outro município, “eu vendo em Propriá e em Japoatã” (M.S.S), outros feirantes anteriormente vendiam em outras cidades,

mas atualmente só é feirante do presente município “já dei feira em Capela, Muribeca, Camassari – Al”, diz M.F.A.R.M 46 anos, feirante há 26 anos, “já vendi em Propriá” (G.A.S).

Os feirantes contam com a ajuda dos familiares na execução das atividades, esses que ajudam na venda das mercadorias e na distribuição destas, como ressaltam M.P.M.N 76 anos, feirante há 46 anos “eu já tenho minhas freguesias certas, ai minhas netas é quem vai levar as bolsas ao pessoal”, outros feirantes contam com a ajuda do esposo para armar e desarmar a banca.

O trabalho na feira livre na maioria das vezes é hereditário, vai passando de pai para filho “tenho uma filha que me ajudava e agora ela vende lanche na feira” (M.S.S). A aquisição da renda financeira é diferenciada, pois alguns feirantes relatam que a renda obtida dá para sobreviver, em contrapartida outros dizem que não dá para suprir suas necessidades, serve como um complemento. A carga horária dos feirantes é pesada, chegando até 10 horas diárias.

Os feirantes começam a trabalhar antecipadamente, ou seja, a feira do município é realizada aos domingos, mas os feirantes que produzem os produtos para vender, começa a trabalhar desde os outros dias da semana “na quarta feira eu já começo a trabalhar nos bolos, a ralar milho, côco, macacheira, na sexta eu mexo a massa, asso no sábado para no domingo vender” (G.A.S).

Constantemente ocorrem mudanças em relação às mercadorias vendidas, pois estes feirantes às vezes deixam de vender algo ou acaba substituindo por outros produtos “antes eu vendia cereais e hoje eu vendo é sacolas plásticas” (M.P.M.N), “já vendi bordados, vassouras, enfeites de barro, hoje eu vendo roupas” (R.A.R 42 anos, feirante há mais de 10 anos).

Com a entrevista realizada foi possível averiguar que a maioria dos feirantes tem pretensão de deixar este ramo assim que se aposentar ou caso apareça um emprego, ainda não deixaram de serem feirantes porque não tem outro meio de sobreviver, já outros ressaltam, que só vão deixar de ser feirantes quando não mais agüentarem ir as feiras.

Em relação à venda e a sobra das mercadorias, esses feirantes quando a mercadoria está em boas condições levam para suas casas e vendem durante a semana, tem feirantes que sua mercadoria não sobra, faz é faltar e um dos entrevistados descreveu que: “quando a mercadoria passa muito tempo sem vender eu acabo doando a pessoas carentes” (R.A.R).

O trabalho formal é algo pouco praticado ou nunca exercido pelos feirantes do município de Cedro de São João – SE, pois com a pesquisa de campo acompanhada da utilização de uma entrevista foi possível diagnosticar que há uma quantidade mínima de feirantes que já executou algum trabalho formal com carteira assinada.

Os feirantes do município acima citado paga semanalmente uma taxa de tributo no valor de R\$ 10,00 o pagamento dessa taxa só garante ao feirante a aquisição de uma banca e um ponto de referência de venda fixo e os feirantes que não utilizam banca para vender, ou seja, colocam suas mercadorias de venda no chão, esses pagam uma taxa de R\$ 2,00.

Com a pesquisa de campo realizada conclui-se que os feirantes realizam um trabalho informal pesado e precário, pois os indivíduos realizam longas jornadas de trabalho, a renda financeira adquirida na maioria das vezes não dá para sobreviver, na execução do seu trabalho contam com a força de trabalho dos familiares, estes que nem sempre são remunerados.

4. 2 DESAFIOS E CONQUISTAS DOS FEIRANTES.

A feira do município de Cedro de São João- SE anteriormente situava na Praça Getúlio Vargas, no centro da cidade, sendo assim a maioria das mercadorias era comercializada em frente ao Mercado Municipal da Carne, sendo este um local estreito, dificultando assim a locomoção da população.

Desta maneira na gestão (2009 - 2012) a feira foi transferida para a Avenida Helena Sá, conhecida como baixa fria, local onde havia um campo de futebol abandonado, onde as pessoas o transformaram em um lixão a céu aberto, diante disso, foi recuperada a localidade e transformada em um espaço para festas, espaço este amplo, onde semanalmente funciona a feira municipal.

Vale ressaltar que com a mudança da feira- livre, ocasionou o distanciamento da mesma ao mercado da carne, dificultando para os feirantes, pois segundo os entrevistados a feira tornou- se mais “vazia”, devido à distância da carne para as outras mercadorias, sendo um ponto positivo para os compradores, pois o espaço é amplo e não impede a locomoção dos indivíduos, no entanto, foi um ponto negativo para os feirantes.

Além disso, antes os feirantes possuíam sua própria banca que era de madeira, sendo de responsabilidade dos mesmos cuidar e higienizá - las, porém após a transferência de localidade, as bancas respectivamente também foram substituídas por bancas de ferro e sua higienização passou a ser de responsabilidade do município, isto tornou-se um obstáculo para os feirantes.

“para mim não houve problema nenhum, meus fregueses são fieis, eu acabo a mercadoria cedo, pra mim não tem feira ruim, o que eu acho ruim é que várias semanas eu recebo a banca suja, às vezes até com sangue de galinha, é um mal cheiro tão grande e eu tenho que lavar.” (G. A. S, 53anos, feirante há 33 anos).

Como ressaltou G. A. S a falta de organização das bancas é um desafio a ser encarado, pois os feirantes pagam semanalmente uma taxa de R\$ 10,00 sendo distribuído R\$ 8,00 para manutenção das bancas, e R\$ 2, 00 pago aos fiscais de tributos, tendo como objetivo manter um local fixo. Sendo assim é um dever dos feirantes o pagamento da taxa, os mesmos

possuem apenas o direito de manter o local, porém ao reivindicar seus direitos sobre a higienização das bancas, estes não são atendidos.

Vale lembrar, que todo indivíduo possui o direito de executar um trabalho, seja ela formal ou informal, mas infelizmente os feirantes de forma geral até para trabalhar tem que pagar, esse pagamento refere-se a uma taxa de tributo garantida pela lei federal nº 5.172, de 25 de outubro de 1966, o valor dos tributos varia de acordo com o município ou Estado. Outro aspecto destacado foi referente à cobertura das bancas,

“o calor está demais, e a lona fica voando toda hora, porque é uma lona só para todas as bancas, ela é amarrada na primeira banca, no meio e na última banca, então eu mesma, boto uma lona atrás pra eu não me queimar com o sol.” (R. A. R, 42 anos, feirante há mais de 10 anos).

Conforme ressaltou a feirante acima citada, percebe-se que há uma precariedade para os feirantes, onde os mesmos ficam a mercê do município e quando há algo a ser resolvido, eles mesmos são quem resolvem e improvisam para que haja um melhor conforto para ambos e para seus clientes.

Segundo as entrevistas realizadas, foi possível detectar que outro desafio encontrado pelos entrevistados, é que a maioria, necessita viajar para outros municípios, conforme M.S.S: “o que eu ganho na feira do Cedro é muito pouco, então, eu vou dar feira em Propriá e Japoatã para ver se ganho uma coisinha a mais”, a mesma relata seu sofrimento durante a viagem, “minha filha agente viaja mais é um sufoco, saio de madrugada, o carro é muito velho, e só chega no outro dia de tardezinha, e quando o carro quebra na estrada é um sofrimento”.

Mediante esta situação, percebe-se que há uma precarização no processo de trabalho desses feirantes, onde os mesmos viajam de ônibus e de caminhão, sendo que não há uma estrutura que possibilite segurança ao se deslocar para os demais municípios.

Porém na gestão do ano de (2013) foi aderido um Agente de Desenvolvimento Local, onde o município juntamente com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas), foi responsável pela capacitação deste agente, criando uma sala denominada: Sala do Empreendedor Manoel Alfaiate, situada na sede da Prefeitura Municipal de Cedro de São João- Se, com o objetivo de informar os indivíduos sobre como passar da condição de trabalhador informal para formal e cadastrar estes como pessoas jurídicas.

Mediante isto percebe-se que com a adesão do ADL (Agente de Desenvolvimento Local) no presente município, houve uma conquista para estes feirantes, onde alguns destes já estão cadastrados como ME (Micro Empresário). Desta maneira, esses ao pagarem uma taxa ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), conseqüentemente são assegurados dos seus direitos previdenciários, direitos esses que não seriam adquiridos enquanto trabalhadores informais.

Ao entrevistar as feirantes atuais empreendedoras, as mesmas destacam a importância de serem formais, pois tem seus direitos garantidos, entretanto também relatam sua insatisfação por não haver reuniões que possibilitem sanar suas dúvidas.

Vale ressaltar, que ainda há indivíduos que são leigos sobre determinado assunto, ou seja, desconhecem a existência do ADL, sendo deste modo de responsabilidade do município passar as informações devidas a todos os feirantes da possibilidade de se tornarem formais e quais os requisitos para se enquadrar nesta política de desenvolvimento local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluí - se que ao elaborar o presente trabalho foi possível compreender de maneira mais ampla o trabalho informal, sendo também notável, a relevância da participação de grandes estudiosos na compreensão do que é trabalho na sociedade capitalista. Tendo como primordial o conceito de Karl Marx, para esclarecimentos de que os indivíduos não são culpados de exercer a informalidade e sim vítimas do processo capitalista.

Neste contexto, foi possível verificar que o trabalho informal é um meio bastante utilizado pelos indivíduos na sociabilidade capitalista contemporânea. A informalidade é composta por diversas modalidades de trabalhadores informais e regida por formas de trabalho precárias, onde os indivíduos não possuem nenhum vínculo empregatício e não desfrutam de nenhum direito trabalhista.

O trabalho informal vem se desenvolvendo constantemente por conta da escassez de oferta de trabalho formal ou em certas situações, as pessoas acabam realizando algum tipo de trabalho informal, pelo fato de não conseguir preencher as vagas ofertadas pelo mercado de trabalho, não atendendo as exigências deste, em que procura inserir profissionais polivalentes, uma das principais exigências do Toyotismo, o modelo de sistema que atua nos modos de produção do trabalho capitalista.

O desemprego também é um dos fatores que leva o indivíduo a realizar um trabalho informal, pois para não ficarem desempregados, essas pessoas se dispõem a realizar atividades que possam proporcionar uma renda financeira capaz de suprir com suas necessidades básicas de sobrevivência, portanto os feirantes estudados são uma prova viva dessa realidade. Os feirantes de Cedro realizam um trabalho pesado e precário, na feira livre se insere indivíduos de faixa etária diversificada.

O trabalho informal desses feirantes é acompanhado por longas jornadas de trabalho, esses não possuem uma remuneração fixa e algumas vezes a remuneração adquirida não dá nem para apagar o que comprou para revender, caso adoeça são obrigados a trabalhar para não perder o único meio de sobrevivência que lhe resta, arriscam suas vidas nas estradas, pois muitos dos feirantes do município presente se deslocam para vender em outras cidades e Estados, com o objetivo de adquirir uma maior lucratividade.

Sendo assim, com a realização da pesquisa de campo houve um aprofundamento de conhecimento sobre o tema estudado, o qual foi percebido a precariedade na realização do trabalho desses feirantes, onde os mesmos, por serem informais, possuem deveres a serem cumpridos, entretanto não possuem nenhum direito previdenciário, porém é de extrema importância ressaltar a existência de feirantes que passaram da categoria de informais para formais, estes por sua vez, estão registrados como ME (Micro Empresário), sendo assim, estes empreendedores, possuem alguns direitos previdenciários .

Vale ressaltar que com a pesquisa bibliográfica obteve-se conhecimento sobre o surgimento das feiras em geral e se fez possível aprofundar os conhecimentos sobre o trabalho informal, este que não é algo novo, e sim um mercado de trabalho, que com o passar dos anos vem se ampliando. No entanto, foi a partir da pesquisa de campo, que foi possível conhecer a realidade, e relaciona – la com a teoria.

Mediante a situação exposta, percebe-se que a pesquisa foi de relevância para o Serviço Social, pois se faz necessária a intersectorialidade entre o Agente de Desenvolvimento Local e o profissional do Serviço Social, para que haja divulgação a respeito das informações sobre como transformar um trabalhador informal em um trabalhador formal e pessoa jurídica, e assim obter não apenas deveres, mas principalmente direitos, que lhe são assegurados.

Por fim, com o estudo dos conteúdos que compõe este trabalho e com a execução de uma análise da realidade dos feirantes de Cedro de São João – Se, constata-se que a informalidade é gerada, influenciada e fortalecida pelo capitalismo. Em relação aos feirantes do município acima citado, esses apesar de desempenham um trabalho informal árduo sem possuir nenhum direito trabalhista, mesmo assim, trabalham com um sorriso no rosto e um brilho no olhar.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho** – São Paulo: Brasiliense, 2008. – (Coleção Primeiros Passos; 171).

ANDRADE, Fabrício Fontes. **Reestruturação Produtiva: dos novos padrões de acumulação capitalista ao novo parâmetro de políticas sociais**. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/010/10andrade.pdf>. Acesso em: 23 de out. às 09: 45 hs.

ANTUNES, Ricardo, 1953 – **Adeus ao trabalho?** : ensaio sobre as metamorfoses e a centrabilidade do mundo do trabalho / 12. ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual e Campinas, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n° 107, Editora Cortez/setembro 2011.

BARBARA, Maristela Miranda. “**Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: percepção e sofrimento ndo trabalhador**”. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931999000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 23 de out. 2013 as 09: 10 hs.

BÍBLIA SAGRADA. Edição: Pastoral Catequética. Editora: Ave – Maria, 41° edição.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**: Volume 2/ -1. ed.- São Paulo: Saraiva, 2010

DRUCK, Graça. **Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000400004&script=sci_arttext. Acesso em: 29 de out. 2013 as 13:51hs.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**, 4. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Trabalho e indivíduo social**: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista/ Marilda Villela Iamamoto. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

KARL, Marx, 1818-1883. **O capital: crítica da economia política**: livro I/ tradução de Reginaldo Sant' Anna. – 27° Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LOPES, Cinthia Fonseca. CRUZ, Erivânia Bernardino. **VadeMecum do Serviço Social/ 2° Edição**. Fortaleza: Premium, 2012.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Fundamentos de Administração**: manual compacto para cursos de formação tecnológica e seqüências. - - São Paulo: Atlas, 2004.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa. SILVA, Maria Lúcia Marques. **Sergipe Panorâmico / Universidade Tiradentes**. 2. Ed. Aracaju: UNIT, 2009.

NETTO e BRAZ. **Economia política: uma introdução crítica**. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo / - 2. Ed.** – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PRIEB, Sérgio. **O trabalho a beira do abismo: uma crítica marxista a tese do fim da centralidade do trabalho/ Sérgio Prieb**. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 216 p.

SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400013&lang=pt. Aceso em 31 de novem. 2013. às 15: 30 hs.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica: ensino médio**: volume único/ 1. ed. - São Paulo: Nova Geração, 2005.

Sinopse do Censo Demográfico de 2010. Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Sergipe.pdf.
Acesso em 29 de novembro de 2013 às 10:42 hs.

TAVARAES, Maria Augusta. **Os fios (In) visíveis da produção capitalista: Informalidade e Precarização do trabalho.** Cortez Editora, 2004- São Paulo – SP.

VICENTINO, Cláudio. DORIGO, Gianpaolo. **História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2005.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Há quantos anos o (a) senhor (a) é feirante?
5. Com que tipo de mercadoria trabalha?
6. Motivo que levou a se inserir na feira municipal?
7. Em quantos municípios, o (a) senhor (a) atua enquanto feirante?
8. A renda adquirida chega a suprir suas necessidades?
9. Há alguém da sua família que atua no mesmo ramo?
10. Já teve ou possui algum emprego com carteira assinada? Se sim, justifique.
11. Gosta de trabalhar como feirante?
12. Qual a carga horária trabalhada?
13. Tem pretensão em deixar este ramo?
14. O que faz com a sobra da mercadoria?
15. Enquanto os “fregueses”, qual sua relação com eles?
16. Em relação ao pagamento de tributos, o (a) senhor (a) possui algum direito a paga- ló?

FOTOS DA PESQUISA DE CAMPO



Figura 1. Uma feirante em atendimento a uma freguesa.



Figura 2. Uma feirante em sua banca.

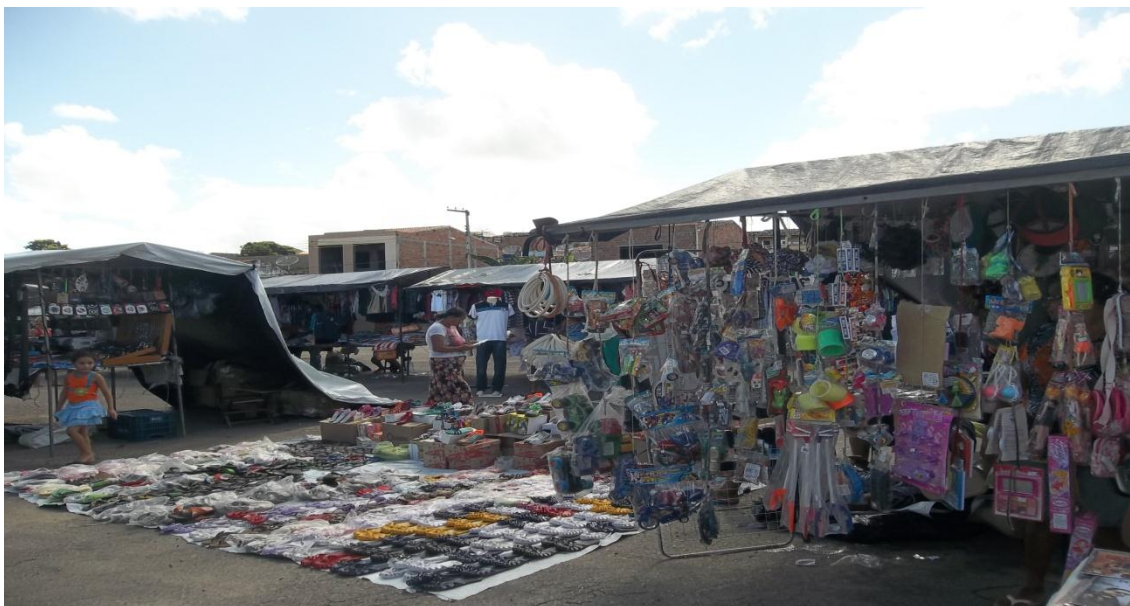


Figura 3. Produtos vendidos na feira livre do município de Cedro de São João – Se.



Figura 4. Parte da feira livre, a qual fica localizada frutas e verduras.



Figura 5. Amostra de feirantes que não residem no município.



Figura 6. Pesquisadoras colhendo informações com uma feirante do presente município.



Figura 7. Uma feirante em sua prática de trabalho.



Figura 8. Alunas de Serviço Social com uma feirante.



Figura 9. Local da feira onde fica situada a venda de alevinos.



Figura 10. Um feirante retornando a sua casa satisfeito, por ter vendido toda a sua mercadoria.



Figura 11. Amostra da venda de animal ovíparo.

ANEXOS

DECLARAÇÃO

Eu, Edilvânia de Melo Santos, portadora do CPF: 267010575-00 licenciada em Letras, pela Faculdade de Formação de Prof. Penedo fiz a correção do presente trabalho de monografia das seguintes acadêmicas: Luana Alves Rocha, Saskya Martins Alves e Yasmim Rodrigues dos Santos Melo.

Propriá, 12 de dezembro de 2013.

Edilvânia de Melo Santos

Assinatura do declarante



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PENEDO

O DIRETOR DA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PENEDO,

JOAQUIM SILVA SANTOS

no uso de suas atribuições e tendo em vista

a conclusão do Curso de GRADUAÇÃO EM LETRAS-HABILITAÇÃO-PORTUGUÊS/ESPANHOL COM RESPECTIVAS LINGUAGENS

em 19/12/2003, confere o título de LICENCIADO EM LETRAS

a EDIVÂNIA DE MELO SANTOS, de nacionalidade BRASILEIRA,

natural de CEDRO DE SÃO JOÃO - SERGIPE, nascido(a) a 29 DE JUNHO DE 1960

portador(a) da Carteira de Identidade nº 813.933, expedida pelo(a) SECRETARIA DE SEGURANÇA

PÚBLICA - SERGIPE

e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de

todos os direitos e prerrogativas legais.

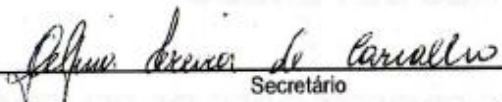
Penedo, 20 de MARÇO de 2004

Regina Pereira de Carvalho
Secretário

Joaquim Silva Santos
Diretor

Edivânia de Melo Santos
Diplomado

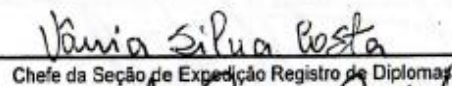
CURSO RECONHECIDO através da Portaria nº
029/03-GS de 07/04/2003, publ. no D.O.E.
de 08/04/2003.

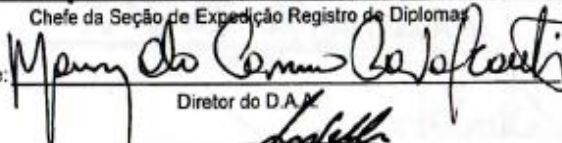

Secretário

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Universidade Federal de Alagoas – Reitoria

Diploma registrado sob nº 82 às Fls. 09
do Livro 04-FPP conforme processo
4388/2004-48 por delegação de competência
do M. E. C. nos termos da Portaria Ministerial nº 726/77
e Portarias MEC/DAU 71/77 e SESU/DAU 30/79

Maceió em 03, 05, 2004


Chefe da Seção de Expedição Registro de Diplomas

Confere: 
Diretor do D.A.A.

VISTO: 
REITOR